



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS/UFOPA**

JOSÉ ODILEY AZEVEDO DOS REIS

**A CULTURA AMAZÔNICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA
DE ENSINO PARA O 8º DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**SANTARÉM – PARÁ
2018**

JOSÉ ODILEY AZEVEDO DOS REIS

**A CULTURA AMAZÔNICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA
DE ENSINO PARA O 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Mestrado profissional em Letras/PROFLETRAS – UFOPA, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Heliud Luís Maia Moura.

SANTAREM-PA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

R375c Reis, José Odilei Azevedo dos

A cultura amazônica como conteúdo de ensino nas aulas de língua portuguesa: uma proposta de ensino para o 8o ano do ensino fundamental / José Odilei Azevedo dos Reis. – Santarém, Pará, 2018.

100 fls.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador Heliud Luis Maia Moura

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Narrativas amazônicas. 2. Reconto. 3. Produção de textos. 4. Textos orais. 5. Texto escrito. I. Moura, Heliud Luis Maia, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 401.41

Bibliotecário - Documentalista: Elite Sousa - CRB/2

JOSÉ ODILEY AZEVEDO DOS REIS

**A CULTURA AMAZÔNICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA
DE ENSINO PARA O 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROLETRAS / UFOPA, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura (UFOPA)
Orientador - Presidente da Banca

Prof. Dr. Luis Percival Leme Britto (UFOPA)
Examinador Interno

Prof. Dr. Edivaldo da Silva Bernardo (UFOPA)
Examinador Interno

*A meus pais, Maria e Lourenço com
imensa saudade;*

*As minhas filhas, que tanto me inspiram,
Maria Bárbara e Maria Brunna;*

A minha esposa, Sheila.

*Aos meus irmãos, Leila, Raimundo,
Marcos, Jacqueline, Tânia, Johnnatan,
Johnn, Michael e Matheus, dedico este
trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus por ter me conduzido até aqui.

Aos meus pais Maria das Dores e Lourenço que mesmo não estando mais nesse plano sempre olham por mim. Saudades eternas meus amores.

Aos meus irmãos Leila, Raimundo, Marcos, Jacqueline, Tânia, Jhonnatan, Johnn, Michael e Matheus que sempre confiaram em mim.

As minhas filhas Maria Barbara, Maria Brunna e Maria Victoria.

Ao meu cunhado Jorge que a vida trouxe para ser mais um irmão, obrigado, parceiro pelas constantes ajudas nessa jornada.

A minha querida e intempestiva esposa, Sheila que no fundo é a pessoa que mais torce pelo meu sucesso.

A todos os professores Doutores do PROFLETRAS: Percival, Ediene, Ana Maria, Zair, Edivaldo Bernardes que humildemente levo um pouquinho de cada um comigo.

Ao meu ilustríssimo e grandioso orientador, professor Dr. Heliud Luís Maia Moura que me conduziu ao termino deste trabalho de forma responsável e brilhante. Muito obrigado, professor.

A todos os meus companheiros de turma que assim como eu superaram todas as dificuldades inerentes ao magistério e venceram. Amo todos!

Até a vitória!

“(...) Ao vencedor, as batatas”
(Machado de Assis, in Memórias póstumas de Brás Cubas)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	14
1.1 Gêneros textuais.....	14
1.2 Gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa.....	19
1.3 Narrativas amazônicas e memória: um movimento de resistência!	20
1.4 As narrativas Amazônicas e o plurilinguismo.....	25
1.5 A cultura amazônica como conteúdo de ensino.....	27
1.6 Língua e cidadania.....	32
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	34
2.1 Abordagem da pesquisa.....	34
2.2 Caracterização da unidade de ensino.....	36
2.3 Corpus da pesquisa.....	37
2.4 Apresentação das atividades propostas.....	38
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS.....	71

RESUMO:

Este trabalho constitui uma proposta de ensino que consiste na utilização das narrativas amazônicas como conteúdo pedagógico para o trabalho nas salas de aulas do Ensino Fundamental II, no Município de Juruti - PA, em atividades de leitura e produção de textos orais e/ou escritos e análise linguística. Aqui, entenderemos a língua como um fenômeno dialógico, ideológico e heterogêneo, resultante da interação social entre os indivíduos. O reconto dessas histórias, em sala de aula, pelos alunos traz à tona questões inerentes à formação do povo amazônico como: meio ambiente, preconceitos diversos e outros temas que são de relevante importância para o debate e a construção da cidadania de nossos alunos. Estas narrativas servem de movimento de resistência sociocultural de nossa Região na luta por mais espaço e emancipação. É sabido por todos aqueles que atuam no processo de ensino-aprendizagem da Região Amazônica que os valores e costumes priorizados no seio da escola são os dos grandes centros. As informações inerentes a nossa cultura e os hábitos do nosso povo não estão incorporados as práticas pedagógicas escolares, por isso, a escolha de trabalhar com as narrativas do imaginário amazônico, que serve de elo entre o contexto social dos alunos e as atividades escolares. As atividades desta intervenção estão elaboradas dentro do contexto dos mais diversos gêneros do discurso que fazem parte do dia a dia dos alunos. O referencial teórico que norteia essa pesquisa, possui autores que discutem a linguagem dentro de suas questões de uso e práticas, de forma dialógica e interacional, como: Antunes (2012), Moura (2009), Geraldi (2012), Dolz & Schneuwly (2004) Marcuschi (2010) e outros autores que versam sobre a cultura e folclore brasileiro.

Palavras chaves: Narrativas Amazônicas; Reconto; Produção de textos orais/escritos.

ABSTRACT

This work constitutes a teaching proposal that consists of the use of the Amazonian narratives as pedagogical content for the work in the classrooms of Elementary School II, in the municipality of Juruti - pá, in activities of reading and production of oral and / or written texts and linguistic analysis. Here, we will understand the language as a dialogical, ideological and heterogeneous phenomenon, resulting from the social interaction between individuals. The retelling of these stories in the classroom by the students brings to the fore questions inherent in the formation of the Amazonian people such as the environment, diverse prejudices and other subjects that are of relevant importance for the debate and the construction of the citizenship of our students. These narratives serve as a socio-cultural resistance movement of our Region in the struggle for more space and emancipation. All those who work in the teaching-learning process of the Amazon Region that the values and customs prioritized within the school are those of the great centers know it. The information inherent in our culture and the habits of our people are not incorporated into the pedagogical practices of the school, therefore, the choice to work with the narratives of the Amazonian imaginary, which serves as a link between the social context of students and school activities. The activities of this intervention are elaborated within the context of the most diverse genres of discourse that are part of the students' daily routine. The theoretical framework that guides this research has authors who discuss the language within their use questions and practices, in a dialogical and interactional way, such as Antunes (2012), Vygotsky (1999); Dolz & Schneuwly (2004) and Marcuschi (2010) and other authors that deal with Brazilian culture and folklore such as Câmara Cascudo (2011).

Keywords: Amazon culture, retelling, reading, text production

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu em razão da minha constatação de que, no processo de ensino aprendizagem de alunos da Região Norte, os valores e costumes enfatizados e priorizados no seio da escola, na maioria das vezes, são procedentes de outras Regiões. Diante disso, as informações inerentes a nossa cultura amazônica e aos hábitos do nosso povo não são incorporados às práticas e metodologias educacionais, o que tem impedido a escola de exercer a sua verdadeira função de formar cidadãos conhecedores de sua origem e cultura, afastando cada vez mais os alunos de sua realidade regional.

Dentro desta perspectiva de que a língua é impregnada dos valores culturais, ideológicos e históricos do usuário, penso para o ensino de língua materna, estratégias que contemplem a utilização da cultura local como conteúdo nas aulas de língua materna, haja vista que o caráter identitário que permeia essas informações oriundas dos meios sociais dos alunos tende a tornar as aulas de língua portuguesa mais atrativas, em relação aos seus objetos de estudo.

É importante ressaltar que o objetivo principal desta intervenção não é ter o estudo de gêneros textuais e/ou discursivos como centro das aulas, no entanto, eles estarão presentes, nas diversas atividades propostas neste trabalho, devido ao fato de serem concebidos aqui como práticas sociais, caracterizados pelos seus usos e não pela sua forma.

Na sua missão de ensinar os alunos a escrever, ler e a falar, a escola, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação – portanto, também aquela centrada na aprendizagem – cristaliza-se em forma de linguagem específicas. A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais um instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem. (Dolz e Schneuwly, 2004 p.65)

Assim, este trabalho tem o propósito de estabelecer, a partir das narrativas amazônicas, um diálogo entre os mais variados gêneros, fazendo com que os estudantes abordem os eixos de ensino propostos pelos PCN, que são: Leitura, produção escrita e oral e análise linguística, tendo sempre como ponto de partida temáticas relacionadas com a comunidade local, como forma de valorizar os

elementos culturais e populares da nossa Região, como afirma Antunes (2009, p.23) “na verdade, a língua que falamos deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupo pertencemos. É uma espécie de atestado de nossas identidades”.

Dessa forma, entendo que as práticas de leitura e produção de texto realizadas no ensino fundamental devem enfatizar os aspectos de uso da língua, reconhecendo que ela é algo vivo e mutável, por isso os procedimentos pedagógicos e teóricos que subsidiam as aulas de língua portuguesa devem deixar de lado exercícios que mostrem a variante formal como padrão único, deixando, inclusive, de utilizar exercícios de análises de frases recortadas de seu contexto real, que priorizam apenas o ensino de nomenclaturas, tornando o estudo de língua materna simplista e não funcional.

Para conseguir alcançar os propósitos sugeridos neste trabalho, tenho como objetivo geral: estudar a cultura amazônica como conteúdo de ensino pedagógico através das narrativas amazônicas. Além disso, proponho quatro objetivos específicos que me auxiliaram na condução da pesquisa, são eles:

- ✓ Verificar de que forma conteúdos, valores e temas, próprios da cultura amazônica podem ser utilizados nas atividades de oralidade, leitura, escrita e análise linguística em sala de aula;
- ✓ Observar a contribuição de temas ligados à cultura amazônica para a ampliação da competência discursiva dos alunos;
- ✓ Observar até que ponto esses temas podem levar ao acesso a temáticas próprias de outras culturas, já que a uma cultura só se constitui em relação com a outra;
- ✓ Investigar o conhecimento que os aprendizes têm de suas culturas quando falam, escrevem e leem acerca dela.

Nesse sentido, justifico a relevância deste trabalho com base em alguns fundamentos imprescindíveis, como: a importância de se entender a língua como um fenômeno dialógico/ideológico, o que pressupõe que as práticas de ensino/estudo da leitura e produção de textos orais e escritos devem ser voltadas às atividades sociais a que os indivíduos estão inclusos, sempre enfatizando valores de sua comunidade; outrossim, também abordo a relevância de nós, enquanto professores de língua materna, refletirmos acerca da língua como um fenômeno mutável, caracterizado pelas condições de produção de cada texto.

Em face do exposto, a questão de investigação que orienta este estudo foi definida da seguinte forma: Como é o ensino da produção de textos orais e escritos, em uma escola do município de Juruti-pá, pautado na utilização da cultura amazônica e na construção do discurso de autoria dos alunos do ensino fundamental, a partir da problematização das ações humanas da cultura local? Ou seja, como é a prática do ensino da produção de textos quando se assume a comunidade local como espaço de vida, onde se realizam todas as dimensões da existência humana, em que os sujeitos sociais produzem seus discursos?

Partindo desses questionamentos, é que penso para o estudo/ensino de língua materna uma abordagem mais dinâmica, voltada para entender a língua com um fenômeno interativo e dialógico, que surge a partir das práticas sociais nas quais os indivíduos estão envolvidos. Aqui reflito, também, para entendermos que o problema de os alunos não conseguirem aprimorar suas competências discursivas reside, em grande parte, nas práticas de ensino, isto é, nos métodos empregados pela escola para ensinar leitura e produção de textos orais ou escritos, haja vista que o modelo de ensino utilizado pela escola, na maioria das vezes, é desconectado da verdadeira função da língua que é a comunicação.

Para melhor organização desta dissertação, ela foi dividida em três partes: a primeira apresenta a Introdução. Nesta parte discorro como esta proposta de intervenção está dividida; a segunda compreende o primeiro capítulo que é constituído dos pressupostos teóricos, nos quais o trabalho está ancorado. Esta etapa está subdividida em quatro momentos que subsidiam o foco do trabalho, são eles: os gêneros textuais, gêneros textuais na escola; narrativas e memórias: um movimento de resistência; as narrativas amazônicas e o plurilinguismo; a cultura amazônica como instrumento de ensino; O próximo capítulo é a metodologia, onde enfatizo o tipo de abordagem que propõe esta pesquisa e discorro sobre o caminho trilhado, tentando alcançar os objetivos propostos nesta intervenção; por fim, as considerações finais, sendo a parte que reflito sobre esta proposta de intervenção.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Sei que todo trabalho empírico para ter sucesso deve estar fundamentado em postulados teóricos que sustentem suas bases, por isso essa pesquisa pensa a língua como um processo interativo e dinâmico.

Assim, enfatizo aqui a importância de se refletir sobre o ensino de língua materna a partir de práticas que contemplem os fenômenos linguísticos de forma mais contextualizada, através dos gêneros textuais e situações de uso da língua. Por esse motivo, é necessário dividir este capítulo em sub tópicos, a fim de proporcionar melhor entendimento acerca desta pesquisa. Vejamos:

1.1. GÊNEROS TEXTUAIS

Ao meu ver, um dos grandes equívocos dos professores de língua materna, para o ensino de leitura e produção de texto, é pensar a língua como algo estático, imutável e homogêneo. Essa visão de língua como uma estrutura rígida é fator primordial para o fracasso das atividades de leitura e produção de textos, sejam eles orais ou escritos, pois desta forma, a escola está analisando uma língua que não é praticada pelos alunos no dia a dia, utilizando aspectos afuncionais do nosso idioma, conforme afirma Antunes:

Efetivamente, a língua, sob a forma de entidade concreta não existe. O que existe são falantes; são grupos de falantes. A língua tomada em si mesma não passa de uma abstração, de uma possibilidade, de uma hipótese. O que existe de concreto, de observável são os falantes, que, sempre, numa situação social particular, usam (criam!) os recursos linguísticos para interagirem uns com os outros e fazerem circular a gama de valores culturais que marcam cada lugar, cada situação e cada tempo. (Antunes, 2009, p 22).

Com base nessa reflexão da autora, entendo que atualmente o ensino e a aprendizagem de língua materna devem ser ancorados nas teorias que entendam a língua como práticas sociais, tendo em vista que reforçam a importância da utilização dos gêneros textuais como meio de ensino, para tornar o estudo mais próximo da realidade do aluno. O uso dos gêneros textuais contribui para difundir a linguagem como prática social, ideológica, histórica e cultural, através do estudo sociolinguístico e interacionista, como pretendem os PCNs:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo¹ comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. (BRASIL, 1998 p. 17)

Face ao exposto, ressalto a importância da escola, ser um espaço de construção da cidadania, precisar assumir, de imediato, em suas atividades de ensino traços identitários da cultura local, sem, contudo, ignorar a influência da cultura global, mas estabelecer um diálogo permanente entre as diversas culturas universais. Ao possibilitar a aquisição dessa bagagem cultural ao aluno, a instituição estará contribuindo para que ele tenha condições de dialogar com obras que façam alusão a vários universos culturais, sem perder de vista os traços de sua cultura local.

Além dessa preocupação de caráter temático, precisamos também considerar os aspectos discursivos que ancoram a materialidade linguística dos textos, daí a importância de abordarmos aqui neste trabalho os pressupostos teóricos sobre gêneros textuais. Nesse sentido, cabe fazer referência à concepção de alguns autores sobre o assunto. Inicialmente, recorro a Luiz Antônio Marcuschi (2008), que apresenta a seguinte concepção:

(...) os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas (...) (Marcuschi, 2008, p. 155).

Por isso, precisamos (professores de língua portuguesa) levar nossos alunos a refletirem sobre a constituição da linguagem como ação social, já que são nossas práticas linguísticas revelam nossa identidade cultural, nossa orientação ideológica, social e história, o que nos torna indivíduos capazes de interagir socialmente com nossos pares. E para que essa interação se realize através de nossas ações discursivas, entram em cena os gêneros textuais, que servirão como instrumento material, dinâmico e concreto de nossas intenções comunicativas.

Ao se posicionar sobre a importância dos gêneros textuais em nossas práticas discursivas, Koch (2011, p. 53) faz as seguintes considerações:

A competência sociocomunicativa dos falantes/ouvintes leva-os à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais. Essa competência leva ainda à diferenciação de determinados gêneros de textos, como saber se se está perante uma anedota, um poema, um enigma, uma explicação, uma conversa telefônica, etc. Há o conhecimento, pelo menos intuitivo, de estratégias de construção e interpretação de um texto (...) Não se torna difícil, na maior parte dos casos, distinguir um horóscopo de uma anedota ou carta familiar, bem como, por outro lado, um texto real de um texto fabricado, um texto de opinião de um texto predominantemente informativo e assim por diante.

Nesse sentido, o que determina a escolha do gênero a ser utilizado para dar materialidade ao texto é o discurso, concebido aqui como resultado da intenção comunicativa do produtor e da situação de produção em que esse discurso está contextualizado.

(...) Importante é perceber que os gêneros são atividades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. (Marcuschi, 2002, p. 25).

Isto posto, creio que planejar as aulas de língua portuguesa com a utilização dos mais variados gêneros orais ou escritos é uma proposta bastante eficiente na leitura e na produção de textos. Neste sentido, nós, na condição de professores, devemos procurar estratégias para garantir a interligação desses gêneros em várias situações discursivas, para que os alunos não fiquem deslocados no que se diz respeito ao verdadeiro papel da língua, que é a comunicação.

A esse respeito, Porto (2009, p.22) faz a seguinte afirmação:

Quando consideramos a língua em sua perspectiva histórica e social, o trabalho com a oralidade deve se dá em situações reais de uso da fala. No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem o aluno a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente, capaz de compreender os discursos dos outros e de organizar os seus de forma clara, coesa e coerente.

É importante ressaltar que uma das principais funções da escola é formar cidadãos críticos e conhecedores dos seus direitos e deveres através de suas

diversas atividades. Por essa razão, o espaço escolar deve ser um lugar que contemple a heterogeneidade e a pluralidade cultural do povo brasileiro em toda sua essência, por isso o planejamento escolar deve observar e abranger as relações de pluralidade da formação do povo brasileiro por meio do estudo da língua, utilizando os gêneros textuais em sala de aula, nas aulas de língua portuguesa, pois, segundo Moura (PROFLETRAS, 2016):

Discurso é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido. Pode-se dizer que para analisar um discurso como um texto, é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido nas condições de produção.

Então, com base nos postulados acima, percebo que a escola se omite no que se diz respeito a aceitar que o ensino de língua materna deve abranger a diversidade sociocultural de nosso país. Como forma de reação a esse modelo de ensino, penso a língua de forma funcional, deixando um pouco de lado o estudo de atividades gramaticais e de metalinguagem que ainda fazem parte da prática pedagógica de grande parte dos professores e das aulas de leitura e produção de textos.

Para se referir à forma inadequada como a escola tem tratado essas práticas linguísticas, Angela Kleiman, em seu livro “Oficina de leitura”, se posiciona da seguinte forma:

A prática de sala de aula, não apenas da aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professor e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto e, depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto, que não levam em conta se o aluno de fato o compreendeu. Trata-se, na maioria dos casos, de um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão, que passa a ser a versão autorizada do texto. (Kleiman, 2004, p. 24)

Infelizmente, essa ainda é uma realidade de muitas escolas no que concerne às atividades de leitura e escrita, pois não se tem dado autonomia ao aluno para que ele se expresse com liberdade acerca de suas ideias sobre o que ele lê. Nesse sentido, não se está promovendo um ensino fundamentado nas relações interacionais entre professor, aluno e o autor dos textos lidos, uma grande conquista da Linguística Textual, que buscou se contrapor aos modelos de ensino eminentemente normativos de décadas atrás.

Desse modo, cabe lembrar que o processo de aquisição da modalidade escrita e ensino de leitura, durante muito tempo, foi baseado na reprodução de frases descontextualizadas que não representavam a realidade na qual o aluno estava inserido. Além disso, o ensino da escrita também estava dissociado da prática da leitura, uma vez que as práticas de escrita, mecanicamente, eram ensinadas antes e não simultaneamente às atividades de leitura.

Nas salas de aula que observamos, as professoras pareciam tratar a língua como se ela fosse algo externo aos alunos e a si mesmas, como se tivesse qualidades autônomas, não sociais, que se impusessem a seus usuários. A linguagem do ensino pressupunha e ajudava a construir distancia – colocar a língua na lousa serve como uma técnica que permite as crianças ver e objetificar esse processo de aprendizagem. (Street 20014, p. 131).

Sendo assim, esse modelo de ensino de língua descontextualizado com a realidade, e que despreza o conhecimento dos mecanismos da linguagem já dominados pelos falantes e longe das práticas sociais, no qual o planejamento do estudo de língua materna deve está ancorado, não desenvolve as competências discursivas dos alunos, deixando-os alienados, haja vista que não aflora seu senso crítico, não havendo, portanto, uma aprendizagem significativa.

Logo, a escola deve promover, desde o processo de alfabetização, o contato dos alunos com os mais diversos textos, dos mais variados gêneros, orais e escritos, especialmente os que valorizam os conhecimentos adquiridos pela prática da oralidade, no sentido de não só valorizar a modalidade oral, mas também de atribuir um sentido mais pragmático para estudo da leitura e do domínio da escrita.

Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas. Essa afirmação fica quase óbvia se pensarmos em como uma criança aprende a falar com os adultos com quem convive e com seus colegas de brinquedo e interação em geral. O domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas. (Possenti 2012, p 36)

É, portanto, no bojo de um ensino de língua articulado com a realidade e com os aspectos culturais da comunidade local que não torne a leitura uma imposição, e sim um instrumento de conquistas, que construiremos um país de leitores na essência da palavra, como reflete Moura (2016):

O professor deve criar situações para transição de gêneros, já que socialmente os gêneros não são estanques nem estão enclausurados em si mesmos, havendo, portanto, deslocamentos de uns para os outros, segundo

as necessidades e a própria dinâmica das atividades de linguagem, mobilizadas na vida social.

Nesse sentido, cabe ao professor propor situações em sala de aula em que os alunos percebam, por meios de seus usos reais da língua, que os gêneros que ancoram os textos são mutáveis, dependendo da intenção comunicativa do produtor face ao seu interlocutor, pois o que gera essa mobilidade entre os gêneros é o discurso, que controla os usos e a organização da língua.

1.2. OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Um dos grandes desafios que permeiam o ensino de língua materna, principalmente no que concerne ao trabalho em sala de aula, com as atividades inerentes às práticas de leitura e produção de texto e análise linguística, sejam eles orais e/ou escritos, é contextualizar essas aulas com as situações reais de uso da língua, nos diversos eventos comunicativos cotidianos de nossos alunos.

Por isso, ao longo das diversas aulas, nesse grande e importante momento de formação continuada que foi/está sendo o PROFLETRAS, comecei a refletir e repensar a forma como ministrava minhas aulas, principalmente no ensino fundamental, e concluí que estava dando importância a um objeto de estudo desnecessário para os alunos, pois as atividades pensadas para o ensino de língua materna eram repletas de exercícios de nomenclaturas, nos quais analisávamos frases recortadas de seus contextos reais, desprezando totalmente o conhecimento prévio das crianças, e deixando de lado fatores importantes como a variação linguística e atividades que estimulassem a prática da leitura e produção de textos.

(...) é pela leitura que se aprende o vocabulário específico de certos gêneros de textos ou de certas áreas do conhecimento e da experiência. É pela leitura, ainda que aprendemos os padrões gramaticais (morfológicos e sintáticos) peculiares a escrita, que aprendemos as formas de organização sequencial (como começam e acabam certos textos) e de apresentação (que formas assumem) dos diversos gêneros escritos. (Antunes 2003, p 75)

Dessa forma, *agora*, acredito que o ensino de língua materna, no que se refere ao estudo da leitura e produção de textos deve ser revisto por nós professores da educação básica, pois essa forma de pensar a língua, como algo estanque, cabal e enrijecido já não pode mais existir em nossa prática docente. Temos que proporcionar

ao aluno atividades em sala de aula que o façam refletir sobre o que está escrevendo e lendo.

Em vários momentos da presente reflexão, tenho expressado o que constitui a meta, a finalidade, o objetivo último do ensino do português: a ampliação da competência comunicativa do aluno para falar, ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes. (Antunes, 2003 p. 122)

Dessa forma, fica evidente que devemos propor situações de aprendizagem que contemplem esses quatro eixos responsáveis pela realização da língua nas diferentes esferas sociais a que nossos alunos têm acesso.

1.3. NARRATIVAS AMAZONICAS E MEMÓRIA: UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA!

Lembro dos meus tempos de menino, contemplando o sobe e desce das águas do majestoso Tapajós. Passei toda minha juventude tendo esse rio como meu parceiro. A janela da casa dos meus pais tinha/tem o verde das suas águas tapajônicas como pano de fundo. Quantos banhos tomados no cais, nas épocas de cheias, as pescarias, as conversas com os amigos até tarde da noite.

Tapajós sempre foi nosso cenário! Nos oferecia/oferece suas praias como campos de futebol, no verão; nos enfeitiçava/enfeitiça com suas histórias místicas da cobra grande, do boto, dentre outras, nossa! Quantas lembranças. Cresci ouvindo minha mãe contando histórias da Matinta Pereira, da cobra grande que descansa adormecida embaixo da igreja matriz de Sant'Ana, no município de Itaituba-pá e Óbidos-Pa.

Segundo contavam os moradores mais antigos o medo da cobra grande desencantar foi o que determinou a construção da Matriz de Santana (Itaituba), onde estava enterrada a cabeça da cobra, de frente para o rio Tapajós. A medida que vamos crescendo observamos que apesar de serem fascinantes essas histórias nunca se confirmaram, apesar da Matriz de Santana ainda está no mesmo lugar e o antigo trapiche de madeira foi substituído por um moderno terminal hidroviário de concreto e a tal cobra grande, se é que ela existe mesmo, continua encantada.

Assim como a Matinta Pereira nunca veio buscar seu fumo atendendo os assobios que dávamos a "boquinha da noite". E tão pouco ninguém ficou torto porque

saiu na sexta-feira santa. A medida que vamos amadurecendo percebemos que essas histórias que nos amedrontavam quando crianças nada mais eram do que uma forma de nos proteger de nós mesmos. Quem nunca desejou pular do trapiche quando rio estava cheio? Quem nunca quis enfrentar aquela correnteza forte debaixo do trapiche? Quem não queria ficar correndo na rua até tarde da noite brincando de pira-esconde, bandeirinha, jacarandá.

Hoje, o Tapajós continua majestosamente banhando a Cidade Pepita, mas infelizmente suas águas não estão tão límpidas como de outrora. Nem mesmo a Fonte de Água Sulfurosa não existe mais. Agora curamos nossas frieiras com os remédios de farmácia. Ah! Doces lembranças, como tudo era mais simples antigamente, bastava um banho naquela água quente e deliciosa para acabar com as frieiras. Pular da escadinha então, inviável. Tomar banho na escadinha da Sonda era uma espécie de prêmio de consolação para quem não tinha permissão ou coragem de pular do Trapiche.

Essas histórias são importantes para nosso povo, pois elas resgatam a nossa memória social, elas nos fazem valorizar aspectos integrantes da nossa cultura. Estas narrativas estão repletas de elementos típicos da nossa região, são elas que, de certa forma, contribuem para perpetuar nossos valores. Por isso, é importante que a escola também contemple, em suas atividades, práticas que valorizem a oralidade. Os recontos dessas histórias pelos alunos trouxeram à tona questões que direcionavam a vida do homem amazônida, pois uma das funções dessas histórias era educar/orientar o povo local, haja vista que elas tinham/tem o poder de regular, explicar e justificar e direcionar as ações comportamentais de quem as ouvia/ouve.

Dessa forma, todas as questões que envolvem o uso da língua não são apenas linguísticas; são também questões políticas, históricas, sociais e culturais. Não podem, portanto, ser resolvidas somente com um livro de gramática ou à luz do que prescrevem os comandos de alguns manuais de redação. (Antunes, 2009 p. 21)

Para isso, as instituições escolares, principalmente as de nossa Região, devem procurar mecanismo para inserir a cultura local nas atividades pertinentes ao seu currículo, pois sabemos que tanto o projeto político pedagógico das escolas quanto os livros didáticos deixam de fora ou pouco exploram essas questões.

Em face dessa lacuna pedagógica nas práticas de ensino, temos constatado que a arte de narrar está desaparecendo da nossa sociedade atual, pois quase não

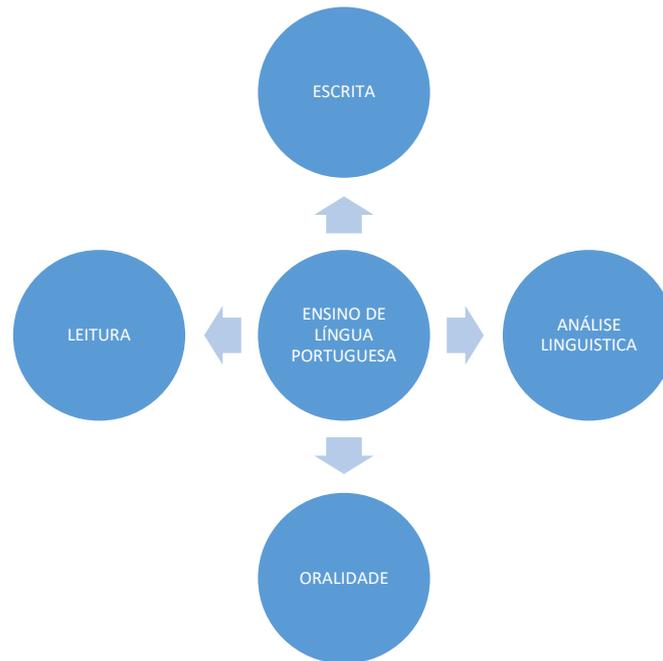
encontramos mais pessoas que ainda tenham o hábito da contação de histórias, do resgate da memória e troca de ensinamentos.

É importante ressaltar para os alunos o entendimento de que língua é identidade. É nela que os aspectos simbólicos que constituem nossa cultura aparecem e nos identificam, por meio dos processos de interação entre os falantes de uma determinada comunidade. Face a isso, devemos entender que a valorização da cultura local, neste caso, a cultura amazônica é um movimento de resistência social, política e histórica, principalmente, no se diz respeito à utilização das narrativas amazônicas, haja vista que elas mostram de forma plural aspectos de nosso povo.

Nesse sentido, cabe mencionar o posicionamento de Antunes (2010, p.23), ao afirmar que “língua é, assim, um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória afetiva”.

É dessa forma que as narrativas amazônicas carregam temas importantes dentro do seu enredo, pois elas regulam a visão de mundo do povo amazônica, mostram as diversas construções simbólicas que estão inseridas nessas comunidades, haja vista que, quando os alunos coletaram e recontaram essas narrativas, verificaram o que elas disseram sobre eles, isto é, que coisas estão ditas nelas, além das histórias, quais vozes sociais ecoaram, visto que, nessa pesquisa, o homem é entendido como um ser social, que constrói suas relações através das suas interações sociais.

Por conta desses fatores, as atividades que norteiam este trabalho foram elaboradas de forma que pudessem contribuir para ampliar as capacidades leitora, argumentativa e escritora dos alunos, desenvolvendo, assim os quatro eixos dos PCNs, para o ensino de Língua Portuguesa:



De acordo com as diretrizes previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que regem o ensino de Língua Portuguesa, as práticas docentes devem estar pautadas nesses quatro eixos linguísticos, como se observa na citação abaixo:

O estabelecimento de eixos organizadores dos conteúdos de Língua Portuguesa no ensino fundamental parte do pressuposto que a língua se realiza no uso, nas práticas sociais; que os indivíduos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles; que é importante que o indivíduo possa expandir sua capacidade de uso da língua e adquirir outras que não possui em situações linguisticamente significativas, situações de uso de fato. (BRASIL, 1998, p. 30)

Além de o trabalho procurar atender a essas prerrogativas orientadas pelos PCNs, um dos benefícios da proposta foi o fato de as histórias em estudo levarem os alunos ao encontro com outros gêneros orais e escritos. A partir do reconto dessas narrativas amazônicas eles puderam ter contato, e ler outras histórias, que tratavam de temáticas diversas, como: desmatamento, tabagismo, diversos tipos de preconceito (racial, contra a mulher, em relação ao idoso, e até mesmo à sua comunidade). E, de posse dessas informações, que ativaram seus conhecimentos prévios sobre diferentes temas de caráter regional, esses alunos debateram suas ideias e em seguida registraram-nas em produções escritas.

A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as *inferências* necessárias para relacionar diferentes partes do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente (...) (Kleiman, 2002, p 25)

Os conhecimentos prévios que os leitores carregam para o encontro com as ideias do autor durante a leitura são imprescindíveis para a construção de sentido do que leem, já que os textos funcionam como um espaço de interação entre o produtor e o leitor, exigindo dos dois conhecimentos construídos previamente acerca da temática em discussão.

Assim, é importante ressaltar que as narrativas amazônicas serviram de ponto de partida para o trabalho de leitura e produção de texto proposto nas atividades integradas que compõem essa intervenção, pois as diversas atividades realizadas em sala de aula foram pensadas a partir dessas histórias que, na maioria das vezes, retratam, em alguns aspectos, a realidade de nossos alunos.

Tais atividades servem para atenuar uma grande problemática muito recorrente nas escolas, que diz respeito ao fato de não se priorizarem a realidade do aluno como objeto ou universo contextual de ensino, como afirma Souza (2011, p. 34): “consideramos que a educação atual não fornece uma visão de mundo real para os alunos. Isso porque o que oferecemos nas aulas está, muitas vezes distante do mundo em que os alunos vivem”.

Para se contrapor a essas práticas, as narrativas amazônicas e o reconto das histórias pelos alunos mostraram um sujeito situado socialmente, haja vista que elas retratam a cultura do nosso povo e como esses indivíduos amazônidas veem o mundo, pois é notório que suas atividades interativas em relação à sociedade sempre são mensuradas do lugar (social) que eles ocupam no mundo, e dali avaliam os acontecimentos de forma dialógica e situada.

Neste sentido, o papel da escola na contemporaneidade seria o de colocar em diálogo – não isento de conflitos, polifônico em termos bakhtinianos – os textos/enunciados/discursos das diversas culturas locais com as culturas valorizadas, cosmopolitas, patrimoniais, das quais é guardiã, não para servir à cultura global, mas para criar coligações contra hegemônicas, para translocalizar lutas locais. (Rojo 2009, p.115)

Através da leitura, reconto e Retextualização das narrativas amazônicas, em sala de aula, foi percebido como elas estão cheias de aspectos ideológicos dos seus

interlocutores com seus valores sociais, tendo em vista que, de certa forma, elas se constituem como nosso documento de identidade. Nesse sentido, fica evidente que a importância das narrativas amazônicas como conteúdo pedagógico, reside no fato de servirem como mecanismo de valorização da memória social e história do nosso povo.

1.4. AS NARRATIVAS AMAZONICAS E O PLURILINGUISMO

Sabemos que quando os portugueses aqui chegaram, encontraram várias tribos indígenas que falavam diversas línguas que, por questões diversas, foram “dizimadas” juntas com seus falantes nativos, acontecendo um *glotocídio*, termo utilizado por Gilvan Müller de Oliveira.

Diante disso, outro fator abordado nesta proposta é como, de certa forma, a sociedade de um modo geral sufoca e oprime as línguas faladas pelos índios, deixando-as encurraladas e isoladas apenas para serem faladas dentro de suas aldeias ou entre seus pares, mesmo a LDB ressaltando a sua importância para contribuição da formação do povo brasileiro:

Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (BRASIL.1996 p. 25)

Então, o trabalho com as narrativas amazônicas, principalmente as pertencentes às etnias indígenas, tem como finalidade esclarecer para os alunos que o Brasil não é um país monolíngue, mas sim plurilíngue, haja vista que vários outros idiomas são falados aqui, conforme afirma Gilvan Muller de Oliveira:

Se olharmos para nosso passado, veremos que fomos, durante a maior parte da nossa história, ainda muito mais do que hoje, um território plurilíngue: quando aqui aportaram os portugueses, há 500 anos, falavam-se no país, segundo estimativas de Rodrigues (1993: 23), cerca de 1.078 línguas indígenas, situação de plurilinguismo semelhante a à que ocorre hoje nas Filipinas (com 160 línguas), no México (com 241), na Índia (com 391) ou, ainda, na Indonésia (com 663 línguas). (OLIVEIRA 2008 p. 03)

Assim, um fator primordial que nos fez pensar esta atividade, e utilizar as narrativas amazônicas como conteúdo de ensino de ensino para mostrar a diversidade cultural da nossa região, no que se diz respeito à variedade de línguas que são faladas em nosso território é a grande lacuna deixada pela escola nesta questão, visto que não existe um “momento” destinado ao estudo do plurilinguismo no Brasil, principalmente no ensino fundamental. As políticas educacionais públicas locais que direcionem e respaldem esse tipo de trabalho ainda são muito tímidas ou simplesmente não existem, mesmo sendo um direito constitucional, como apontam os artigos 210 e 231 da Constituição Brasileira.

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 1988)

Assim, a existência de práticas de ensino que valorizem a continuidade dessas línguas, principalmente as indígenas, se faz necessária, haja vista que a escola deve ser o espaço de difusão dessas línguas, já que depois do português brasileiro, as indígenas são as línguas mais faladas em nosso país, servindo como um grande componente do movimento de resistência de nossa identidade cultural e linguística.

Com base nas afirmações acima, esta proposta, através das atividades que foram realizadas nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, teve a pretensão de remover essa cortina que bloqueava nossos jovens de perceber a nossa diversidade cultural e pluralidade de línguas que nos rodeiam, assim como enfatizam os PCN, em um dos objetivos para o estudo de língua portuguesa, no ensino fundamental:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; (BRASIL, 1997 p. 07)

Pensando desta forma, notei que a escola se omite do que se diz respeito aceitar que o Brasil é um país onde várias outras línguas são utilizadas para comunicação além, do português brasileiro, principalmente, deixando de lado as línguas faladas pelos povos indígenas, povos esses espalhados por todas as regiões brasileiras.

Uma das motivações para esta proposta de atividade contemplar o estudo/ensino do plurilinguismo foi a grande quantidade de alunos índios de diversas etnias que estão matriculados nas escolas públicas nos municípios de nossa região, sem que haja estratégias de ensino e políticas públicas que possibilitem os professores e a escola em geral a valorizar sua cultura, principalmente sua língua materna. De certa forma, esses alunos indígenas matriculados na escola de “brancos” ficam à deriva no que se diz respeito ao dia a dia escolar, tornando-se, na maioria das vezes, fantasmas ou invisíveis para a escola e o governo.

1.5. A CULTURA AMAZÔNICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO

É sabido que o ensino de língua portuguesa na região norte atende aos padrões pré estabelecidos pelas regiões sul e sudeste do Brasil que monopolizam as edições dos livros didáticos distribuídos em todo país, o que torna o processo de ensino aprendizagem cada vez mais artificial e descontextualizado, uma vez que, não apresenta os aspectos, culturais e sociais da região norte, o que conseqüentemente contribui para que os índices da educação amazônica nas avaliações externas estejam sempre em baixa.

A cultura folclórica nortista é rica em personagens lendários frutos do imaginário fantástico dos povos que viveram e ainda vivem na última região a ser povoada pelos colonizadores europeus. Durante vários séculos figuras lendárias como o boto, a Matinta Pereira, a Cobra Grande, saci-pererê dentre outros foram usadas para justificar vários fenômenos para os quais seus habitantes não tinham explicações científicas ou como instrumento de doutrinação familiar. Essa lendas e personagens foram sobrevivendo ao longo dos anos pela oralidade.

Não é, pois, adequado qualificar grupos sociais como “culturalmente deficientes”, ou “privados de cultura”, ou “carentes de cultura”, como faz a ideologia da deficiência cultural. O que se deve reconhecer é que há uma

diversidade de “culturas”, diferentes umas das outras, mas todas igualmente estruturadas, coerentes, complexas. Qualquer hierarquização de culturas será cientificamente incorreta. (Soares 2002 p. 14)

É importante ressaltar o que preservou, durante anos, os personagens lendários da cultura nortista é o misticismo criado em torno da floresta, habitat natural desses heróis que sempre aparecem como defensores e protetores da fauna e da flora brasileira, tanto da terra quanto da água. Dessa forma, durante anos, a primeira noção de educação familiar e escolar dessas crianças da nossa região eram permeadas por aspectos da cultura popular regional, inicialmente, com o intuito de doutrinar ou intimidar no sentido de atingir a obediência e depois de valorização dos costumes locais.

(...) sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros que se perdem em outras tipicamente escritas e penetram e penetradas pelo alto desenvolvimento tecnológico. É assim que em centros urbanos sofisticados são quase desconhecidos gêneros como os cantos de guerra indígenas, os cantos medicinais dos pajés ou as benzeções das rezadeiras, os lamentos das carpideiras. Tudo isso surge naquelas sociedades como práticas culturais rotineiras, tal como o editorial de jornal diário ou uma bula de remédio em nossas sociedades. (Marcuschi 2010, p. 190).

Entretanto, com o advento do movimento de integração nacional que intensificou o desmatamento da floresta, também agravado pela ambição humana que passou a ter na extração extrativista de madeira, juntamente com a pecuária importantes atividades econômicas, ameaçando assim, não só a vida, mas também a cultura folclórica local, posto que todos os seres do imaginário popular têm como lar a própria floresta até então ameaçada pela ação do homem.

Esse foi o primeiro golpe na cultura das lendas e mitos da Amazônia, tendo em vista que os seres lendários da floresta dependiam da preservação do Pulmão do Mundo para continuarem povoando o imaginário popular. Essa ação humana já não tornava mais os aspectos lendários da nossa cultura tão presente na educação das suas famílias.

Vale a pena sonhar com o dia em que a escola saiba despertar nos alunos a paixão pela língua portuguesa; inclusive pela língua portuguesa falada no Brasil. Saiba fazer ver que a metrópole, da qual os mares atlânticos nos separam, não pode constituir a única referência de nossa identidade linguística. A língua portuguesa falada no Brasil precisa ter como foco de sua legitimidade as manifestações da plural e mestiçada cultura brasileira. (Antunes 2009, p. 31)

Outro fator que contribui de forma significativa para o desaparecimento dessas figuras da cultura é atribuído ao progresso tecnológico que exigiu da escola uma nova postura no sentido de universalizar o processo de ensino aprendizagem. Entretanto essa universalização perpassa pela negação da cultura local, considerando que os livros didáticos distribuídos na região norte são produzidos no Sul ou sudeste do país e não contemplam uma abordagem mais profunda e real da Amazônia e quando apresentam expõe seus costumes de forma pejorativa e caricata.

A consequência dessas transformações culturais e econômicas que descontextualizou o processo de ensino e aprendizagem na região norte distancia cada vez mais os educandos do letramento ao passo que passou a distanciar-se da realidade no qual estes estão inseridos. Essa afirmação pode ser pautada nos resultados das avaliações externas, realizadas em todos países para avaliar a qualidade do ensino, nas quais os estados do Norte apresentam índices baixíssimos desse da implantação desse modelo de avaliação em todos os níveis da educação básica especialmente no que tange ao ensino da Língua Materna.

A língua é produzida socialmente. Sua produção é fato cotidiano, localizado no tempo e no espaço da vida dos homens: uma questão dentro da vida e da morte, do prazer e do sofrer. Numa sociedade como a brasileira – que, por sua dinâmica econômica e política divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupos, distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios nas mãos de poucos -, a língua não poderia de ser entre outras coisas, a expressão dessa mesma situação. (Almeida 2012, p.14)

Atualmente, nota-se que o ensino de Língua Portuguesa, na região, não privilegia os aspectos culturais locais. Logo, o ensino de língua materna, de certa forma, não contempla a análise da linguagem local, tornando-o artificial e inconsistente.

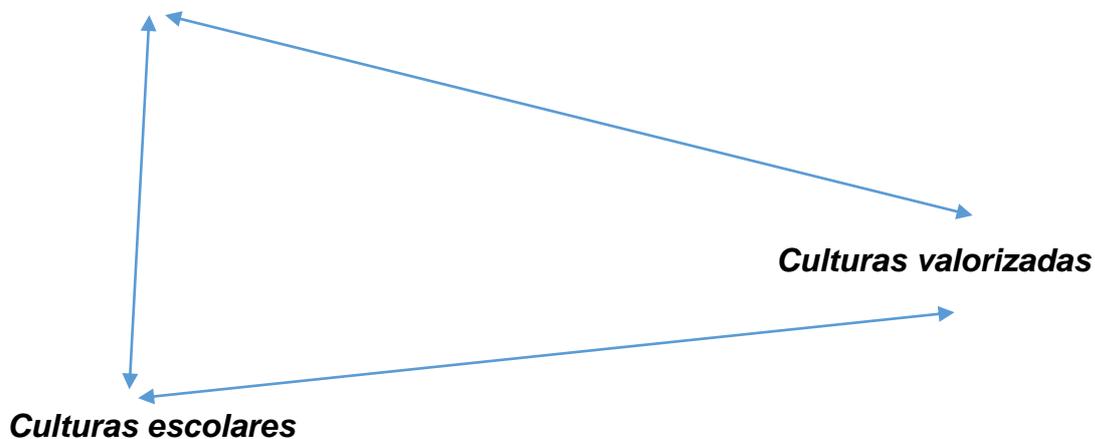
O processo de desenvolvimento educacional dos alunos da nossa Região, atualmente em razão de fatores como o desmatamento desenfreado da floresta, o advento dos avanços tecnológicos e a desvalorização cultural das manifestações locais tornou-se uma meta cada vez mais distante, pois na prática aplica-se dois ensinamentos de duas línguas diferentes nas escolas nossas escolas. Sendo uma estrangeira propriamente dita, inglês ou espanhol, e uma outro sob o rótulo de língua portuguesa, mas que não considera nenhuma das características dos aspectos da variedade regional.

Sendo assim, os educandos de nossas escolas, usuários da língua não se reconhecem como falantes nativos do português brasileiro, pois os textos que servem de base para os exercícios, em sala de aula, não valorizam seus costumes tampouco sua fala, por isso o ribeirinho conhece cada vez menos sua própria região.

Cabe, portanto, também a escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica. Para tal, é preciso que a escola se interesse por e admita as culturas locais de alunos e professores. (Rojó 2009, p.115).

Diante disso, precisamos entender que a escola se constitui como um universo multicultural, pois recebe alunos procedentes de várias culturas diferentes, o que demanda um olhar e um tratamento multicultural às práticas docentes concernentes a todas as disciplinas com as quais os alunos têm contato.

Culturas locais



As histórias fantásticas que projetam a região norte para o restante do Brasil, quiçá do mundo também são ricas em diversidades com as quais se torna possível, por meio da intertextualidade que contemplam uma gama de conhecimentos linguísticos, geográficos, históricos, literários dentre outros. Por isso estas histórias não podem ser colocadas à margem do processo de letramento dos educandos.

Os aspectos colhidos do imaginário popular que ainda têm como fonte a oralidade dos seus habitantes mais antigos permanecem de forma marcante e presente, porém, inferiorizadas por serem consideradas ultrapassadas e inferiores.

Todavia, essas manifestações, ainda representam a vivacidade da nossa história, não podendo, assim, ser negada ou rejeitada uma vez que se faz necessário durante o processo de letramento que esse ensino seja contextualizado a partir dos aspectos locais e sociais.

A marca constante do contador é sua intenção de prender a atenção dos ouvintes, a ponto de contagia-los a uma participação apreciativa, durante a própria anunciação. O narrador utiliza inflexões de voz, modulações melódicas, expressões fisionômicas e gestuais, buscando manter desperto o interesse dos ouvintes, realçando os pontos altos das narrativas, sempre num diálogo sintonizado com o auditório (Brandão 2011, p.86)

Torna-se, então, imprescindível iniciar o processo de letramento, na Região Norte, valorizando características da sua comunidade local. Dessa forma os falantes estarão aptos a dominarem todos os aspectos relacionados com os usos da língua que realmente é utilizada por eles.

Ao chegar na escola, a criança, o jovem ou o adulto já são usuários competentes de sua língua materna, mas tem de ampliar a gama de seus recursos comunicativos para poder atender as convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa, a cada tipo de interação. Os usos de língua são práticas sociais, e muitas delas são extremamente especializadas, isto é, exigem vocabulário específico e formações sintáticas que estão abandonadas nas gramáticas normativas. (Bortoni-Ricardo 2004, p.75).

Reconhecer as histórias folclóricas da Região Norte como importante forma de letramento, perpassa pelo uso constante desses gêneros textuais como prática educativa capaz de promover a inclusão social por intermédio de um ensino de língua que privilegie as características culturais nortistas. Para que esse trabalho com lendas, mitos e contos amazônicos seja uma realidade deverá haver um esforço conjunto por parte dos professores de linguagem que contemplem o trabalho com esses gêneros textuais. Dessa forma, inicialmente, deve-se “abandonar” os livros didáticos e textos descontextualizados que não representam a identidade dos habitantes da região.

Há, portanto, uma necessidade latente do povo amazônico se sentir pertencido a sua própria região para que não se sinta inferiorizado pela sua fala ou costumes, sendo necessário um trabalho de resgate dessas figuras lendárias, assim como também que se os programas de proteção da floresta sejam intensos e constantes uma vez que, ela também garante a sobrevivência desses seres fantásticos.

Sendo assim, as histórias que povoam o imaginário popular do Norte sejam elas dos majestosos rios sejam da floresta, contribuem de maneira direta para um eficiente ensino de leitura e produção de textos orais e escritos, pois é no bojo dos mais diversos personagens que o povo ribeirinho e transamazônica se sente incluso no processo de aquisição de conhecimentos, e com isso apto a dominar a linguagem nos seus mais diversos aspectos.

O conto popular busca, como já dissemos, sua fonte no imaginário e na memória coletiva, de forma que todo ouvinte ou leitor possa se reconhecer, se identificar, dando sentido ao que ouve ou lê. Há temas que persistem, como o do alimento, não só por fazerem parte dessa memória coletiva, mas também por envolverem uma questão universal, de interesse permanente, já que a sobrevivência da espécie, até hoje, é uma questão não só resolvida para parcela significativa da população mundial. (Brandão 2011, p.96).

Nesse sentido, se faz necessário que o imaginário coletivo presente nas obras da literatura brasileira de expressão amazônica seja amplamente divulgado, principalmente a partir da escola, para que essas obras ganhem dimensões de caráter universal.

1.6. ESCOLA E CIDADANIA

Somos sabedores que a função principal da escola não é somente transmitir conhecimentos científicos e informar conteúdos, ela também tem o papel fundamental de formar cidadãos críticos e conscientes da sua importância na sociedade. Na atual conjuntura política, é notório por todos, o “esforço” que o governo federal está fazendo para, ainda mais, sucatear a educação pública brasileira, em todas as esferas (infantil, básica e superior).

A escola enquanto fonte formadora de opinião deve reivindicar seu lugar de destaque em nossa sociedade, pois é somente com uma escola de qualidade e uma educação libertadora é que podemos formar jovens fortes e não alienados que lutarão sempre pelo bem comum de todos e o direito de exercer sua cidadania de maneira plena. Como enfatiza, O professor Luiz Percival Leme Britto, em seu livro “Ao revés do avesso”.

O que sustento é que a escola tem de ser percebida e realizada como um espaço privilegiado de reflexão e organização de conhecimentos e aprendizagens, de aprofundamentos e sistematizações do conhecimento; e tem de ser o lugar do pensamento desimpedido, descontextualizado, livre de determinações e demandas imediatas da vida comezinha; o lugar, enfim, em

que a pessoa, reconhecendo-se no mundo é olhando para o que e cerca, imagine o que está para além do aqui e do agora. (Britto, 2015, p.35)

Outro aspecto que se deve enfatizar, no que se diz respeito ao verdadeiro objeto de ensino da escola atual, é a importância que ela destina a atividades apenas mecânicas que não levam o aluno a pensar, logo não estimula e nem desenvolve suas capacidades comunicativa e discursiva. Por isso, enquanto, nós que fazemos parte desse processo, não fizemos nada para mudar essa situação de doutrinação, por parte da classe dominante e do governo, continuaremos de olhos vendados e mãos amarradas e sem voz, no que se diz respeito ao desenvolvimento do nosso país.

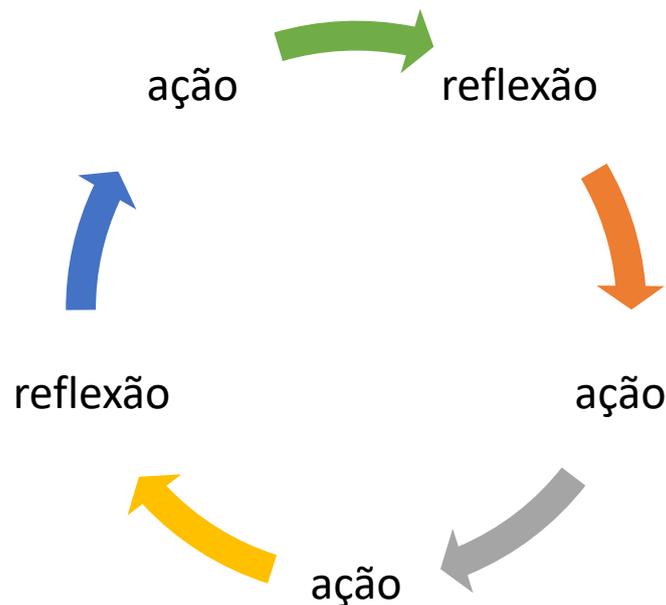
Em suma, a escola tem um papel decisivo na construção de uma sociedade que tenha consciência de seus deveres e de seus direitos; entre eles, o de exigir sérias e competentes administrações, para se deixe a fácil acomodação de achar que “não tem jeito”, que “é assim mesmo”. Jeito tem; é só a comunidade se dispor a enfrentar, um por um, os problemas, acreditando que as coisas não têm que ser “assim como são”. Elas são o que nós quisermos que elas sejam, evidentemente dentro dos limites de nossa contingência humana. (Antunes 2003, p.42)

Pensando desta forma, temos que ter em mente sempre a visão de que a escola é um meio de transformação social, cujo o principal objetivo é inserir de forma completa os alunos em todas as atividades que fazem parte de nosso meio, sejam elas culturais, políticas ou econômicas. Nesta perspectiva o professor será, sempre o elo e o leme entre os educandos e as ideias libertárias.

O professor deve assumir um lugar de protagonismo, referente ao ensino de língua materna, pois sabemos que língua também é ideologia, e é através da língua que externamos o nosso dizer.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Ao longo das aulas e através das atividades propostas no Profletras, percebi o seu caráter reflexivo, pois todas as propostas sugeridas como atividades, pelos professores, tinham essa característica: de fazer e ao mesmo tempo refletir acerca das posturas e práticas escolhidas, por nós professores, para o trabalho das atividades de ensino/estudo de língua materna, no ensino fundamental.



Nesta etapa do trabalho, discorro acerca do caminho trilhado procurando alcançar os objetivos traçados para esta proposta de intervenção, conceituando o tipo de pesquisa; aqui também faço um breve relato da instituição de ensino escolhida para aplicação da intervenção, descrição do corpus e as atividades propostas para realização do trabalho por parte dos alunos e, por fim, analiso os dados coletados.

2.1. ABORDAGEM DA PESQUISA

Segundo o professor Dr. Percival Leme Britto (Profletras 2016) que “o formato do curso de mestrado profissional em letras, sugere e estabelece que o tipo de pesquisa que devemos adotar seja a pesquisa qualitativo-participante, que de certa forma, aproxima-se do modelo de pesquisa que chamamos de pesquisa-ação.” Com

esse tipo de abordagem, no qual ao mesmo tempo, fui professor e pesquisador procurei verificar a recepção dos alunos em trabalhar os quatro eixos temáticos (oralidade, leitura, escrita e análise linguística) referentes ao estudo de língua portuguesa que constam nos PCN, utilizando como conteúdo de ensino as narrativas amazônicas, ou seja, a cultura local.

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. (Chizzotti, 2010 p. 82)

Lembrando outra fala de Britto, em uma das aulas do curso do mestrado profissional em letras, da Universidade federal do Pará, onde diz o seguinte: “Neste tipo de abordagem de pesquisa os pesquisadores qualitativos estão mais interessados com o processo do que com o resultado ou produto.” Reitero que este tipo de pesquisa aborda elementos socioculturais do ambiente pesquisado, sempre de maneira subjetiva e flexível, haja vista que, notei ao longo das atividades sugeridas nesta pesquisa de que como em certos momentos o direcionamento do trabalho “escapava” de minhas mãos.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados a uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os dados inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (Chizzotti, 2010 p. 79).

Esta proposta de intervenção foi desenvolvida com os alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Juruti-pa. Durante as etapas das atividades sugeridas nesta pesquisa procurei verificar a recepção desses alunos em utilizar a cultura amazônica como conteúdo de ensino, nas aulas de língua portuguesa, para o estudo da leitura, produção de textos diversos (orais e escritos) e análise linguística.

Esta etapa do trabalho, tem como objetivos desenvolver, aplicar e analisar dados inerentes a intervenção proposta por este pesquisador, pois como sabemos a pesquisa qualitativa é de essência empírica.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR

Em várias dissertações de mestrado este momento do trabalho, no qual o pesquisador descreve o ambiente escolar, pode até não ser muito relevante, pois quase sempre não influencia no processo e nem nos resultados da pesquisa, porém nesta intervenção, em particular, o ambiente escolar foi fator primordial para desenvolvimento do trabalho, como é percebido na descrição abaixo.

Esta proposta de intervenção foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental e médio do município de Juruti – Pará, situada na Avenida Joaquim Gomes do Amaral, fazendo limites com os bairros do Maracanã, Palmeiras e Bom Pastor. A referida escola possui 1520 alunos matriculados, divididos entre ensino médio e ensino fundamental, funcionando nos três turnos.

A estrutura física da escola é um dos aspectos de maior preocupação por parte da comunidade escolar, pois a mesma encontra-se precária e abandonada pelo poder público. A referida escola foi construída em 1975 e desde em então não houve qualquer reparo por parte do ente responsável (Governo do Estado do Pará), salvo as realizadas pela própria escola. O prédio é muito antigo e evidencia as inadequadas condições para o funcionamento de uma escola. Todos os espaços da escola estão deteriorados: banheiros, cozinha, secretaria, salas de aulas.

No que concerne a outras dependências a carência é visível. Os alunos não dispõem de sala de leitura, biblioteca, laboratório de informática e quadra poliesportiva e salas de aulas adequadas, sendo que as mesmas não possuem ventilação, são escuras o que contribui para o baixo rendimento dos alunos.

Atualmente, por conta de promessa de reforma do seu prédio original, desde de junho do corrente ano, mudou-se de forma “provisória” para um antigo prédio do governo do Estado do Pará, onde antes funcionava uma antiga escola que foi desativada. É importante ressaltar que o espaço atual, também não possui nenhuma estrutura para receber os mais de mil alunos que estão matriculados neste educandário, haja vista que, o número de salas de aula no espaço atual é inferior ao do antigo. Por esse motivo foram construídas em forma de mutirão entre pais e comunidade escolar um galpão que serve improvisadamente de duas salas de aula.

Outro fator que contribui para que os alunos e professores não tenham êxito no processo de ensino aprendizagem é o péssimo estado das salas de aulas; elas não possuem ar condicionados ou mesmo ventiladores e o grande calor do verão

amazônico incomoda bastante. No que consta no Projeto Político Pedagógico, (desatualizado) a escola tem como missão; assegurar o acesso e permanência do aluno proporcionando um ensino de qualidade tendo como parâmetro uma educação significativa e comprometida com a formação para a vida. Possui a visão de ser uma escola de excelência na educação reconhecida por sua atuação colaborativa, por profissionais comprometidos e éticos e pelo respeito dispensados aos alunos e pais e colaboradores.

É importante ressaltar que a escola não possui um planejamento anual, haja vista que, a equipe pedagógica não se organiza com esta finalidade. Os professores trabalham de forma independente e sem orientação pedagógica, contribuindo para o baixo rendimento dos alunos.

2.3. CORPUS DA PESQUISA

Esta intervenção surgiu da necessidade de buscar algo que motivasse os alunos do ensino fundamental, no que tange as aulas de língua portuguesa, nas atividades de leitura, produção de textos e análise linguística, haja vista que, percebi ao longo desses anos de magistério que eles não se interessavam pelas aulas, talvez pelo conteúdo das mesmas e a forma como nós, professores do ensino fundamental construíamos as atividades para ministrá-las.

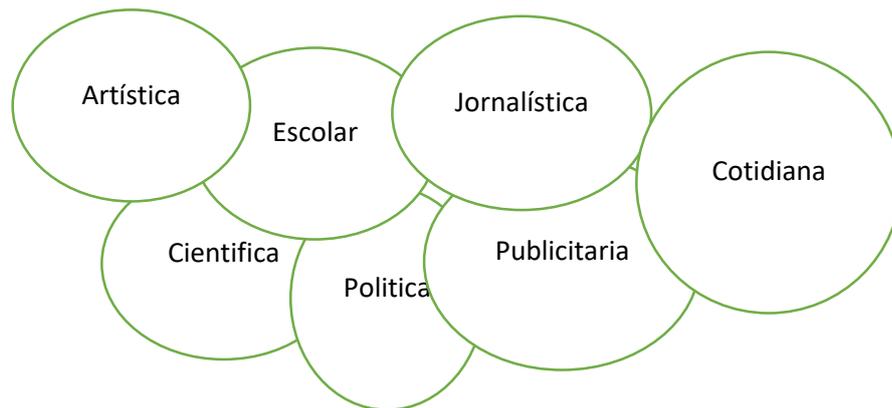
Os informantes desta pesquisa eram alunos matriculados no 8º do ensino fundamental. A referida turma iniciou o ano letivo com 44 alunos, sendo que 2 eram alunos em dependência de estudo em língua portuguesa.

As atividades proposta referentes a esta intervenção contemplaram toda a turma, porem por ser uma turma muito numerosa, heterogênea e por questões disciplinares vários alunos não participaram de todas as fases de forma assídua e eficaz. Após uma atividade diagnostica, que foi realizada no início do ano letivo, percebi as carências e deficiências dos alunos em relação a leitura e produção de texto e análise linguística.

Através desta atividade, notei que os alunos não tinham contato, em sala de aula, com textos dos mais variados gêneros, e não possuíam exercícios que os levassem a estimular sua compreensão leitora, em suma, as aulas de língua portuguesa eram pensadas apenas para ensino de metalinguagem não contemplando

os espaços em que os discursos circulam verdadeiramente. Com bem ressalta Rojo, em seu livro: *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*;

Portanto, as esferas de atividade e de circulação de discursos não são estanques e separadas, mas ao contrário, interpenetram-se o tempo todo em nossa vida cotidiana, organizando-a e organizando nossas posições e, logo, nossos direitos, deveres e discursos em cada uma delas. (Rojo 2009, p.110)



A coleta dos dados inerentes a esta pesquisa foi feita através da observação participante e do envolvimento dos alunos nas atividades sugeridas neste trabalho de intervenção, em todas as suas etapas.

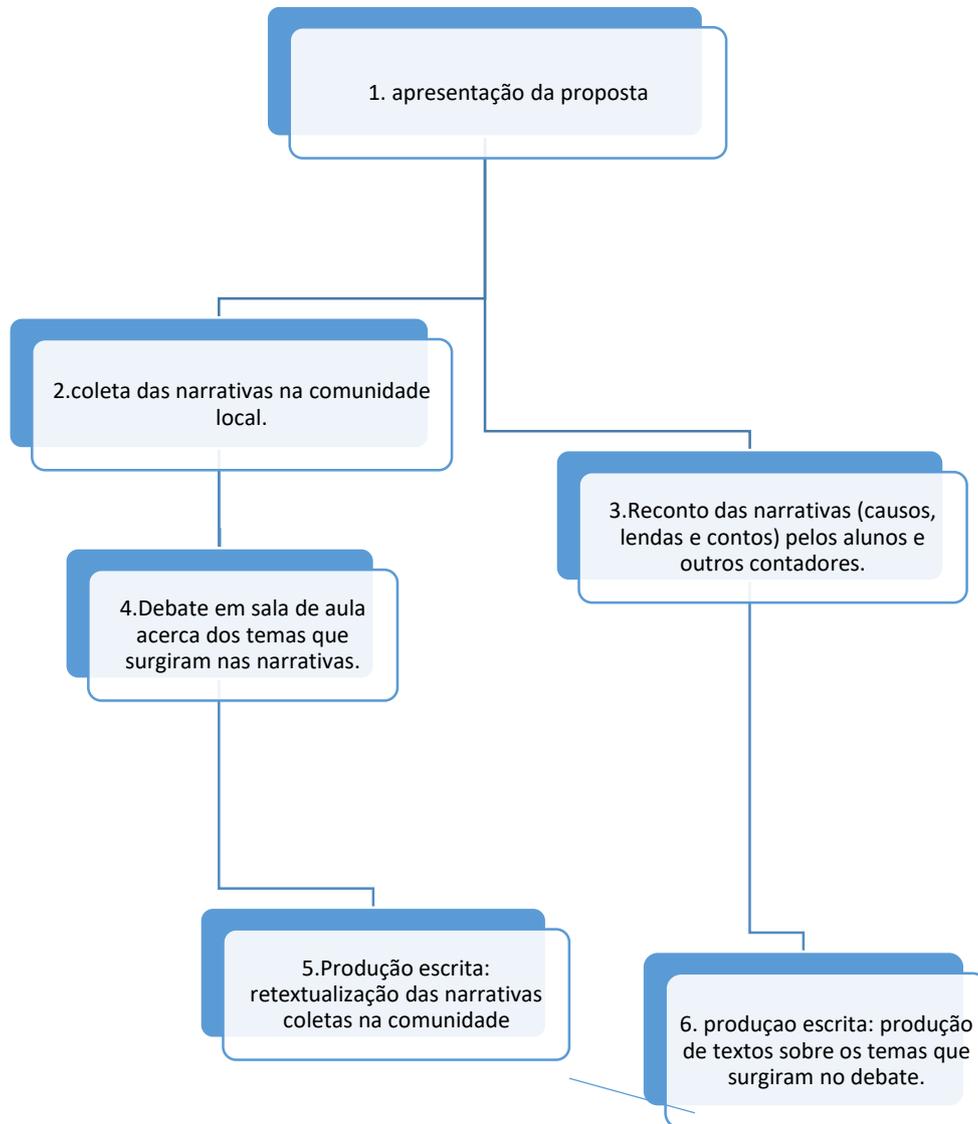
2.4. APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

As atividades propostas nesta pesquisa procuraram inserir os alunos dentro do contexto amazônico através de exercícios que fizessem parte de sua realidade, sempre pensando a língua como algo interativo e social e sempre enfatizando o verdadeiro papel da escola no que tange as aulas de língua portuguesa que é proporcionar aos alunos maneiras de aperfeiçoar sua capacidade comunicativa.

Em vários momentos da presente reflexão, tenho expressado o que constitui a meta, a finalidade, o objetivo último do ensino do português: a ampliação da competência comunicativa do aluno para falar, ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes. (Antunes 2003, p.122)

Esta intervenção propôs atividades que a partir das narrativas amazônicas, os alunos tivessem contato com a cultura local (amazônica) e fossem apresentados aos mais diversos gêneros do discurso/textuais.

Vejam no diagrama abaixo a distribuição da proposta e em seguida sua divisão por módulos/etapas.



2.4.1. PROPOSTA METODOLOGICA PARA UTILIZAÇÃO DA CULTURA AMAZÔNICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO PARA O ESTUDO DE LÍNGUA MATERNA.

Componente curricular: Língua Portuguesa.

Conteúdo programático: Leitura, produção de textos e análise linguística.

Nível de Ensino: Ensino Fundamental.

Público Alvo: 8ºAno

Tempo estimado: 5 módulos divididos em 2 aulas por módulo

2.4.2. APRESENTAÇÃO

Este trabalho sugere uma proposta de atividades a serem realizadas, em turmas do Ensino Fundamental II (8º) com a finalidade de propor aos alunos um entendimento a respeito das situações de uso referentes à utilização da cultura amazônica como conteúdo de ensino nas aulas de língua portuguesa, em situações reais, valorizando a variante linguística local.

O referido trabalho apresenta várias atividades, dividido em diversas etapas que buscam estratégias de ensino que proporcionem resultados satisfatórios e práticos, envolvendo a leitura, produção de textos e análise linguística. É importante ressaltar que esta intervenção não tem a finalidade de apontar o certo ou errado, mas sim informar aos alunos como a língua é dinâmica e viva e sempre está em constante transformação e evolução.

Conforme, os Parâmetros curriculares Nacionais (Brasil, 2006), “o ensino de língua portuguesa deve conduzir o aluno a desenvolver suas habilidades de leitura, escrita, fala por meio de procedimentos sistemáticos, possibilitando o desenvolvimento das ações de linguagem em diferentes situações de interação”.

Desta maneira, a existência de práticas que valorizem a cultura amazônica, seja trabalhada na escola são essenciais, pois essas práticas deixam os alunos mais próximos de seus valores locais e mais receptivos nas aulas de língua portuguesa.

Com base nas afirmações acima, esta proposta através das atividades que foram realizadas nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II tem o intuito de utilizar nossos costumes, história e valores, nas aulas de língua portuguesa e tirar essa venda que bloqueia nossos jovens de perceber a nossa diversidade.

2.4.3. JUSTIFICATIVA

Pensando a língua como fenômeno de interação social e procurando aproximar o ensino/estudo de língua materna ao dia a dia dos alunos, esta atividade de

intervenção foi organizada em uma perspectiva sociolinguística, pensando sempre o texto como algo abstrato e inacabado, conforme afirma Marcos Bagno:

Ao contrário da norma padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguísticos, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável e instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução, pois ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua, é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído por todos os falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala e da escrita. (Bagno 2007, p. 36)

Esta atividade interventiva pretende estudar a língua como mecanismo de inclusão social e acesso a cidadania. As narrativas amazônicas devem estimular os alunos referente ao ensino de língua portuguesa.

2.4.4. OBJETIVOS

GERAL:

- ✓ Verificar a viabilidade do ensino de língua portuguesa através da cultura amazônica, dentro das narrativas amazônicas como conteúdo de ensino.

ESPECÍFICOS:

- ✓ Fazer com que os alunos compreendam a diversidade cultural do povo brasileiro;
- ✓ Utilizar a cultura amazônica como conteúdo de ensino nas aulas de língua portuguesa;

2.4.5. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:

- *Entrevista;*
- Relato Pessoal;
- Debate;
- Redação escolar.

2.4.6. AVALIAÇÃO:

O processo avaliativo deste trabalho deu-se de forma contínua e sempre observando os aspectos relacionados com as condições de produção dos textos dos alunos.

2.5. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

1º MÓDULO: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA À TURMA (DUAS AULAS)

PLANO DE AULA – ATIVIDADES PROPOSTAS

PROFESSOR: José Odiley Azevedo dos Reis

UNIDADE ESCOLAR: Escola Emanuel Salgado Vieira

NÍVEL DE ENSINO: 8º ANO

CONTEÚDO: Narrativas Amazônicas

GENERO: Relato

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: atividades integradas

TEMPO ESTIMADO: 2 aulas (45 minutos)

OBJETIVO GERAL:

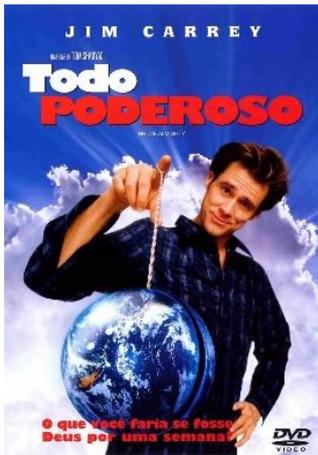
- Apresentar, a proposta de intervenção a turma através de uma aula expositiva.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Criar situações que mostrem aos educandos a língua como um fenômeno interativo;
- Incentivar os alunos a relatarem aspectos do seu cotidiano, tanto na modalidade escrita, quanto na oral.

Inicialmente, ouve a apresentação da proposta para a turma. Nesta etapa o professor fez um relato acerca da importância do ensino de língua portuguesa ancorado com as práticas sociais e questões de usos da língua e da valorização da cultura local nas atividades escolares.

Como atividade motivacional a turma assistiu ao filme “O todo Poderoso” (o filme teve a finalidade de mostrar o poder que cada indivíduo possui em suas mãos).



Logo após, assistirem ao filme, fiz uma explanação sobre o gênero relato pessoal, conceito e características. Os alunos tiveram acesso a alguns exemplos de relatos e de como eles podem aparecer em nosso cotidiano.

A turma ouviu a música “vento no Litoral” da banda Legião Urbana e também tiveram contado com o poema “meus oito anos” de Casimiro de Abreu.

Para melhor entendimento dessa etapa, foi utilizado o livro didático da turma (CEREJA, MAGALHÃES 2010), no que concerne o estudo do gênero relato. Nestas aulas, foi sugerido aos alunos que fizessem um texto em forma de relato, como primeira produção para que servisse de diagnóstico, acerca de algum acontecimento referente a sua comunidade ou fato ocorrido com eles próprios.

2º MÓDULO: COLETA DAS NARRATIVAS NA COMUNIDADE LOCAL

PLANO DE AULA

PROFESSOR: José Odiley Azevedo dos Reis

UNIDADE ESCOLAR: Escola Emanuel Salgado Vieira

NÍVEL DE ENSINO: 8º ANO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: Atividades integradas

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Narrativas Amazônicas

GÊNERO: Entrevista

OBJETIVO GERAL:

- Utilizar o conhecimento prévio dos alunos, nas aulas de língua portuguesa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Fazer com que os alunos conheçam melhor sua comunidade.
- Proporcionar a interação entre alunos e a cultura local.

Neste momento da proposta, os alunos foram divididos em equipes com a finalidade de pesquisar e coletar as narrativas (causos, lendas e contos) na comunidade local. Cada equipe deveria ouvir e gravar no mínimo duas narrativas do nosso imaginário e trazer para serem ouvidas e recontadas no próximo encontro.

Esta parte da pesquisa teve como um dos objetivos fazer com que os alunos reconhecessem a diversidade cultural do Brasil e da necessidade de tornar as aulas de língua portuguesa mais próximas da realidade deles, pois sabemos que um dos papéis da escola é inserir todos os educandos dentro do seu contexto político, econômico e social de maneira igualitária, sempre buscando a cidadania plena.

3º MÓDULO: RECONTO DAS NARRATIVAS COLETADAS EM SALA DE AULA (DUAS AULAS)

PLANO DE AULA

PROFESSOR: José Odiley Azevedo dos Reis

UNIDADE ESCOLAR: Escola Emanuel Salgado Vieira

NÍVEL DE ENSINO: 8º ANO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: Atividades integradas

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Narrativas Amazônicas.

GÊNERO: contação de Histórias

TEMPO ESTIMADO: 2 aulas

OBJETIVO GERAL:

- *Enfatizar, para os alunos que fala e escrita não são formas dicotômicas.*

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- *Criar situações que mostrem o caráter social e interativo da língua por meio da oralidade.*
- *Trabalhar com os alunos a diversidade linguística de nossa Região.*

O terceiro módulo compreendeu a fase em que as equipes socializaram com a turma as narrativas coletadas em campo. Nesta parte do trabalho, foram ouvidas as

gravações e recontadas as histórias oralmente. Algumas equipes trouxeram para sala de aula, membros de sua comunidade que eram conhecedores dessas histórias, com o intuito de serem os contadores.

Foi percebido, neste momento a importância de fazer com que a escola possua atividades que valorize a memória social de seus educandos. Estes exercícios de valorização da cultura local, de certa forma, deixa um sentimento de pertencimento e aproximação entre escola e alunos.

Segundo o Professor Heliud Luís Maia Moura (PROFLETRAS 2016), as atividades que diz respeito ao estudo e ensino de língua materna, devem sempre ser iniciadas pelos gêneros primários (primeiros ou minimalistas) isto é, aqueles gêneros que fazem parte do dia a dia dos alunos, geralmente a maioria desses textos são da cultura oral.

4º MÓDULO: DEBATE ACERCA DOS TEMAS QUE SURTIRAM NO RECONTO DAS NARRATIVAS EM SALA DE AULA. (DUAS AULAS).

PLANO DE AULA

PROFESSOR: José Odiley Azevedo dos Reis

UNIDADE ESCOLAR: Escola Emanuel Salgado Vieira

NÍVEL DE ENSINO: 8º ANO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: Atividades Integradas

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Narrativas Amazônicas

GÊNERO: Debate

TEMPO ESTIMADO: 2 aulas

OBJETIVO GERAL:

- Desenvolver a competência discursiva dos alunos

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desenvolver a escrita e a leitura sobre temas relevantes da nossa sociedade. Oportunizar situações aos alunos para utilização da modalidade oral de forma mais planejada.

Após o reconto das narrativas, em sala de aula, pelos alunos e outros convidados, ocorreu um debate mediado por este professor-pesquisador sobre os temas que surgiram nessas histórias.

Este módulo foi de suma importância para a referida intervenção pois serviu para introduzir nas aulas de língua portuguesa o conhecimento já trazido pelos alunos. Outro fato importante que ocorreu nesta etapa foi a possibilidade de dialogar com outros gêneros discursivos/textuais, principalmente os da modalidade oral (debate). Este momento do trabalho, também foi utilizado para desenvolver nos alunos a leitura, haja vista que, foi pedido a eles como atividade extraclasse que pesquisassem e lessem sobre os temas que surgiram no debate (aborto, gravidez precoce, preconceitos diversos, etc.).

Nesta parte, ressaltei a importância de saber ouvir o próximo e respeitar o ponto de vista do colega.

Como foi percebido, anteriormente, essas narrativas servem de meio normativo e coercitivo e regulatório na vida dessas pessoas, haja vista que seus contadores, na maioria das vezes, eram pessoas mais velhas da comunidade e as usavam para doutrinar e disciplinar os mais jovens. As narrativas amazônicas dizem muitas coisas a respeito da maneira de ver o mundo do povo da Região Norte.

5º MÓDULO: PRODUÇÃO ESCRITA – RETEXTUALIZAÇÃO – DA FALA PARA ESCRITA (DUAS AULAS)

PLANO DE AULA

PROFESSOR: José Odiley Azevedo dos Reis

UNIDADE ESCOLAR: Escola Emanuel Salgado Vieira

NÍVEL DE ENSINO: 8º ANO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: Atividades integradas

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Narrativas Amazônicas

GÊNERO: Redação Escolar - Retextualização

TEMPO ESTIMADO: 2 aulas

OBJETIVO GERAL:

- Desenvolver a capacidade escritora e leitora dos alunos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Incentivar a produção textual nos mais variados gêneros textuais;
- Estudar análise linguística utilizando a própria produção textual dos alunos.

Este ponto da pesquisa, compreendeu a produção escrita, no que tange as atividades de retextualizações das narrativas coletadas na comunidade local. Neste exercício os alunos fizeram a Retextualização das narrativas da modalidade oral para escrita, sempre, observando as particularidades de cada modalidade. Segundo Marcuschi (2001), fala e escrita não devem ser vistas como práticas discursivas dicotômicas, e sim como um contínuo, pois fazem parte do mesmo sistema linguístico, e são realizações da mesma gramática.

Vale ressaltar que os próprios textos produzidos pelos alunos foram/serviram de conteúdo para análise linguística, na medida em que as “situações” necessárias apareciam.

As atividades de Retextualização, nas aulas de língua portuguesa, serviram para que junto com a turma trabalhássemos aspectos relacionados com a análise linguística, haja vista que, mesmo intuitivamente, o educando ao fazer suas escolhas léxicas, já está fazendo uso de conhecimentos gramaticais.

6º MÓDULO: PRODUÇÃO TEXTUAL – PRODUÇÃO DE TEXTOS A PARTIR DOS TEMAS QUE SURGIRAM NO DEBATE.

PLANO DE AULA

PROFESSOR: José Odiley Azevedo dos Reis

UNIDADE ESCOLAR: Emanuel Salgado Vieira

NÍVEL DE ENSINO: 8º ano

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: Atividades integradas

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Narrativas Amazônicas

GÊNERO: Redação Escolar - Dissertar

TEMPO ESTIMADO: 2 aulas

OBJETIVO GERAL:

- *Desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos.*

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- *Criar momentos para que estimulem os alunos a produzirem textos escritos.*
- *Valorizar o dizer dos alunos em sala de aula.*

O sexto módulo da pesquisa, compreendeu a segunda produção escrita da turma. Os alunos, nesse momento, produziram textos acerca dos temas que foram debatidos em sala de aula, referentes a cultura amazônica. Nesta etapa da intervenção, verifiquei se a partir da metodologia adotada os alunos alcançaram os objetivos propostos.

Nesta etapa, os alunos tinham como atividade produzir textos escritos a partir dos temas que surgiram no debate em sala de aula. Durante a produção observei se a estratégia de utilizar a cultura local para estimular o estudo/ensino de língua portuguesa estava refletindo em suas produções de texto.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Lista de Relatos – primeira produção – (diagnóstico)

Os textos a seguir são referentes a primeira produção escrita desta intervenção que serviram de diagnóstico acerca do nível da capacidade discursivas dos educandos que fizeram parte desta pesquisa.

Texto 1

Um dos fatos mas triste, de minha vida, foi quando soube que meu bizavô esta com câncer.

Quando eu soubi (chorei muito) pôs o meu 2º pai esta passando por um momento difícil e triste em sua. Todos nós sabemos que o câncer mata né?

Acredeço muito a Deus por estar cuidando da saúde dele (que é um senhor tão bom e generoso) que qualquer pessoa gosta.

O câncer dele é na próstata. Mas Deus está cuidando da saúde dele eu creio. Amém.

Todas as vezes que ele vai fazer exame, ficamos aflitos. A minha bizavó que é mulher dele, fica muito triste a situação.

A uns meses atrás fizemos uma rifa beneficente para pagarmos o transporte dele e outras coisas, porquê em Manaus é muito caro as coisas. Ele foi de Oriximiná para Manaus para fazer seus exames. Ele teve um pequeno problema no olho e infelizmente acabou ficando cegô, isso foi um choque a família.

Ele sempre foi um ótimo homen, muito trabalho. Ele cassava e fazia outras coisas também, sempre honrou e até hoje honra sua família.

Estamos muitos gratos aos médicos pôs estão fazendo um ótimo trabalho.

“Deus na frente, sempre.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Texto 2

Minha vida.

Sou I. N. eu nasci no dia 24/09/2003 em Juruti localizada no estado do Pará e desde cedo busco conquistar e realizar meus sonhos, e sempre e sempre faço a minha parte

para atingir o que eu quero porém nem sempre é fácil conquistar um sonho, mas quando lembro que fiz o melhor de mim fico muito feliz afinal fiz tudo o que estava ao meu alcance .

Minha família é humilde e tenho como sonho ser uma policial, mas para agente chegar até aonde queremos passamos por decepções e frustrações que fazem parte do nosso dia a dia mais que ajudam nós a amadurecer e ser melhor.

Além da dedicação das tarefas e obrigações sempre encontro um pouco de tempo para cuidar da minha saúde, fazendo qualquer tipo de esporte, deixando um pouco as obrigações de lado.

E nas minhas férias da escola eu fui pra manaus ver os meus tios e conhecer os meus primos e eu passei apenas 10 dias dela eu fui pro sitio dos meus avos eu foi ver as minhas primas que tinham nascido e conheci pessoas diferentes.

Emfim essa é a história da minha vida.!!!

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Texto 3

Eu sempre gostei de ver as pessoas tocando violão, conheço uma colega que toca violão e foi ela que me incentivou a tocar nos primeiros dias que comesei a tocar fiquei um pouco chateada, porque não consegui fazer as notas musicais, mas depois de um tempo fui conseguindo aos poucos e sempre praticando.

Agora estou na turma dos avançados, eu sempre me esforço bastante, porque eu adoro tocar violão, mas uso apenas como hobby é que pra falar a verdade eu quero era uma ótima arquiteta bem sucedida. Quando o meu professor de violão me elogia me sinto bem isso significa que estou aprendendo mais e mais.

Tocar violão é muito legal é inexplicável como se a música te relaxasse. Antes eu não sabia ler partitura, mas tive umas aulas com o professor E. e ele me ensinou a ler partitura. Assim como eu aprendi a tocar agora eu to ensinando uma colega minha.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Texto 4

Uma coisa interessante que aconteceu com mim foi no dia que a minha prima Dávila resolveu me convidar para sair e dar uma volta de bicicleta, ela queria se distrair um pouco, ela combinou para se encontrar com uma amiga na praça. E nesse meio

tempo, a gente tempo, a gente pegou a minha bicicleta, e fomos embora, e na travessa que tem uma decida para ir para o cartorio horizonte, essa minha ela começou a freiar, o que era prudente, só que ela acabo apertando o freio da frente a bicicleta estava muito rápida ai a bicicleta acaba jogando a gente pra frente, porque ela acabo empinando, eu só lembro de que eu fui jogada pra cima dela, e além desse super mico ,pra piorar estava na hora da saída dos alunos da escola da paróquia, pra nós duas pagamos um mico pior ainda, nós ficamos muito doloridas depois dessa e os alunos da paróquia só rindo de nós duas, nessa hora só fizemos ri dessa desgraça, mas eu confesso que eu tava. Morrendo de vergonha eu só queria me matar naquela hora eu fiquei muito brava com ela, porém, eu gostei de registrar esse momento com ela, porque foi muito bacana, porque a vida tem altos e baixos, e eu confesso que esse momento foi super baixo, mas como diz minha poeta preferida, uma das, no caso, claricelispecto, em seu poeta rosas de algodão: “que nós somos perfeitos, cometemos erros e loucuras, porém haveria momentos que vai valer apenas vivemos, pois a vida some num piscar de olhos, pois o que nos faz diferentes são as loucuras nosso jeito de ver o mundo e não a nada melhor viver esses momentos com uma boa companhia, então simplesmente viva o hoje”

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Texto 5

Eu decidi fazer o meu relato de uma ocasião de que eu sofri um acidente de moto. Bom era um fim de semana, na moto estava eu meu pai e meu irmão, a minha mãe viajando e por isso ela não foi junto na viagem.

Chegando lá eu e meu irmão brincamos muito, de papagaio de futebol etc. Depois nos guardamos tudo e voltamos na moto e antes da gente sofrer o acidente a linha do papagaio de meu irmão caiu na estrada e nós paramos para ajuntar, nosso meu pai veio mais lento na moto e guardado a gente estava passando numa curva apareceu um senhor numa bicicleta do outro lado da estrada, ele não nos viu vindo e dobrou a bicicleta para pegar um boné que estava caído na estrada quando meu pai viu o senhor dobrando ele tentou desviar e a moto derrapou e nós caímos, nada aconteceu com o senhor que estava na bicicleta.

Depois muitas pessoas chegaram e ligaram para a ambulância os médicos nós examinaram passaram remédio as para o meus pai comprar e pronto saímos do

hospital e fomos para casa depois ficamos em repouso e os ferimentos e ficamos bem pronto esse foi o meu relato fim.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Texto 6

Um pedaço de minha vida

Era um dia de sol, minha família estava toda reunida, decidimos fazer um almoço em família agente comprou carne para asar, agente assou preparou a comida toda, nós almoçamos conversamos, brincamos...veio a tarde linda nós resolvemos ir pro banho toda a galera foi, chegando lá fomos logo se jogando na água, nós principalmente eu estava muito contente por está reunida toda família, porem nem todos estavam, mesmo assim foi um dia muito bom e legal, voltamos, chegou a noite e fizemos um jantar, jantamos, conversamos, brincamos, bom foi parecido com o almoço de manhã, e depois todos foram dormir, no outro dia fomos a igreja foi muito bom e demorativa a missa mais foi muito bom e chegemos da igreja almoço em família denovo, depois todos foram dormir, e a tarde eu fui comprar pão, fiz o café, uma merenda gostosa pra gente comer, foi ai que quando eu fui chamar a minha prima, ela estava na escada da minha casa, e quando eu fui pegar ela pra gente merenda, eu subi 5 degraus, e ela se jogou pra cima de mim, eu cair perder o equilíbrio e com tudo eu cair pra trás, ela caiu por cima de mim, bom ela só machucou a boca dela saiu muito sangue, já eu a via do meu olho se estava, minha tia ficou muito preocupada e resolveu mim levar no mesmo instante, eu e a minha prima para o hospital, chegamos lá nós entramos, o medico tirou o raio – x do meu olho e o raio – x da boca da minha prima, graças a Deus que tudo estava no lugar, só tinha cortado os lábios da minha prima, e a minha via estava muito irritada, muito irritada, o médico passou alguns remédios, e voltamos para casa descansei, dormir muito, e foi muita coisa só para um dia, mais tudo ficou bem depois...

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

3.1 Do oral para o escrito – Retextualização das narrativas – segunda produção.

Texto 1

A Loira do Jará

Diz a lenda que uma loira dos olhos azuis, bem linda e arrumada, encontrava homens e levava para o Jará.

Um certo dia um homem foi à uma festa a noite, e lá o homem dançando, bebendo, se deparou com a loira linda, toda Chamosa que estava lá também, ele ficou louco por ela, então conversaram aquela noite. ele já encantado por ela, saíram da festa juntos. No outro dia quando amanheceu todo mundo procurando o homem que tinha ido à festa e não havia chegado em sua casa, os vizinhos e familiares já preocupados saíram para procurar o homem e encontraram no Jará jogado, o homem que estava naquele lugar, não lembrava de nada, só da loira que estava na festa com ela, mas ninguém sabia de que loira ele estava falando, porque ninguém tinha visto essa bela mulher que tanto falava.

Daí então o homem foi levado ao curandeiro, e falou que ele tinha sido encantado por essa mulher loira, ele ficou assustado com essa notícia de que a mulher havia enfeitado ele e que a loira nunca existiu, daí então ninguém nunca viu e ouviu falar da loira dos olhos azuis então ficou conhecido como a loira do jará.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Texto 2

Lenda do Boto

O boto-cor-de-rosa é um galanteador que se transforma em um rapaz jovem, bonito e muito conquistador para se encontrar com as moças da comunidade, isso acontece principalmente na ocasião de festa junina.

É conhecido pelo chapéu branco que sempre usa para tentar esconder seu nariz que é muito pontudo que ainda se mantém após sua transformação.

Então ele começa a seduzir as moças, após seduzir ele a leva para o rio onde engravida. Quando volta a comunidade a moça já aparece gravida sem saber quem é o pai do seu filho, motiva pelo qual as crianças que não conhecem o pai dizem ser

filhas do boto. E assim a mãe continua, sem saber quem é o pai de seu, pois ela não lembra que foi encantada pelo boto.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

Texto 3

Lenda do Cachorrão

A lenda do cachorrão é uma lenda que é bastante conhecida em vários lugares mas o local onde essa lenda aconteceu foi em uma pequena cidade chamada Juruti a cidade cultural das tribos indígenas.

Essa história do cachorrão é um fato real que é contado pelas pessoas é repassada pelos idosos, dizem que antes havia um cachorrão que saía amedrontando os cachorros menores, esse cachorro ele entrava na casa das pessoas a procura de água. Com a diferença na cidade que as pessoas passaram a perceber, as pessoas toda vez que escutavam o latido dos cachorros saíam correndo para suas casas e se trancavam com medo. Assim com tudo que estava acontecendo as pessoas não andavam mais tarde da noite.

Além de tudo que esse cachorro fazia como assustando as pessoas e amedrontando os outros cachorros ele estrupava as mulheres que ele encontrava na rua. Essa história é bastante conhecida como foi falado mais até hoje ela é contada para as pessoas que não a conhecem.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

Texto 4

A lenda do Guaraná

Era um casal de índios que viviam felizes e abençoados por Tupá, mas certa dia o casal sentiu falta de ter um filho, e como eram um casal que cumpria as suas obrigações, pediram a Tupã que os abençoasse com um filho.

Tupã, então atendeu ao seu pedido, deu-lhes um lindo filho, cujo ia crescendo ia ficando cada vez mais bonito e popularidade despertou a ira do índio Lassí. Que por sua vez convidou o índio para brincar na floresta, chegando lá Lassí se transformou em um terrível cobra e o pobre índio. Quando a mãe o mesmo soube de sua morte, ficou

enfurecida, e começou a chorar, tupã veio em sua mente disse a ela que era pra pegar o olho do seu filho, e enterrar, que dali nasceria uma bela fruta, com características de um olho, cujo nome seria, guaraná.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

Texto 5

O Jurupari

O Jurupari um bicho com uma boca grande no meio da barriga, que gostava de comer pessoas, e que se gerava pra qualquer coisa.

Uma tarde calma no sitio de uma família, estava ali no meio da bananeira o Jurupari espiando as pessoas que saiam e chegavam. Nessa tarde um tio convidar o sobrinho para buscar abacaba para eles tomarem e o Jurupari só ouvindo então eles foram buscar abacaba no terreno de um vizinho e deixou a mulher só com os filhos na casa; o jurupari se gera como sobrinho da mulher e vai na casa dela chegando la, o bicho diz que o tio tinha esquecido alguma coisa e que ele veio buscar mais a mulher percebe que não era o sobrinho dela porque o sobrinho dela tinha ido com o marido dela então ela pergunta se ele não gostaria de toma alguma coisa, o bicho responde: “gostaria sim!”. Então a mulher vai para a cozinha e faz uma coma de tacacá para o bicho toma, já que ela sabe não é o sobrinho dela e sim o jurupari que queria comer ele e seus filhos. Mas a mulher foi mais esperta e deu para o bicho o tacaca quente, e ele tomou de uma vez só todo sem percebe que tava quente.

O bicho saiu correndo por rumo da bananeira com uma dor de barriga por causa do tacaca, quando o marido chegar com o sobrinho, ela falar que o jurupari tinha se gerado como sobrinho dela. O marido pergunta o que aconteceu come ele, ela fala. “eu dei um tacaca pra ele, e ele saiu correndo pro rumo da bananeira”

E ali estava o jurupari morto enrolado na bananeira.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

3.1.1 Textos produzidos a partir dos temas que surgiram na conversa dirigida/debate – produção final.

Texto 1

Meio ambiente

É muito importante que cada indivíduo neste mundo entenda que o ambiente limpo é muito importante para a saúde de todos os seres humanos.

Qual tipo de poluição causa danos ao meio, e isso é muito ruim para a humanidade inteiro. Hoje vários tipos de problemas grandes de saúde, como o câncer, estão aumentando rapidamente em todo o mundo e a principal razão por trás do aumento dessas doenças está na maior quantidade de poluição no meio ambiente.

No contexto atual, vimos uma maior tomada de consciência da sociedade sobre os níveis de poluição e, portanto, estamos observando algumas ações de mudanças de atitude. Porém ainda é necessário muito trabalho para ser feito por todos nós, de modo que tenhamos de fato um ambiente limpo e saudável. O primeiro passo para essa mudança é conscientizar as pessoas sobre a importância do ambiente limpo, e como ele é importante para cada um de nós, se cada um tirar consciência em ajudar nosso grande meio ambiente; Deus criou para o ser humano cuidar, mas pelo visto ele só está destruindo essa grande dádiva que o senhor nós deu.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Texto 2

Preconceito

O preconceito ocorre em países em todos os lugares do mundo é com qualquer pessoa na sociedade, que enquadra um padrão de beleza, mas nem todas as pessoas ligam para esse padrão, É com isso acaba gerando o preconceito com qualquer pessoa por exemplo: pessoas grandes, magras, é pessoas morenas e principalmente com os idosos. Que sofrem com o preconceito.

Como ocorreu na história que as pessoas acabaram que ele era muito velho, é não tinha nada a ajudar decidiram jogar ele no rio para que a cobra grande fosse embora. Mas por cultura do destino ele acabou sobrevivendo por conseguir matar a cobra grande com sua faca caindo ela por dentro.

Portanto não devemos julgar uma pessoa pela aparência sem saber o que ela tem a afirmar.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

Texto 3

Racismo

O racismo simboliza qualquer pensamento ou atitude que segregue as raças humanas considerando-as hierarquicamente como superiores e inferiores.

A característica mais marcante do racismo é seu caráter não oficial.

Quando se fala de racismo logo no pensamento aparece contra os negros, mais o racismo é um preconceito baseado nas diferenças de raças das pessoas. Em alguns casos, ele ocorre de formas em que nem é percebido pelas pessoas e pode acontecer em forma de piadas, xingamentos, de evitar contato físico com pessoas.

Em algumas das lendas folclóricas observe-se racismo, O racismo contra os idosos por que é de um jeito diferente. A lenda do boto conta sobre beleza de um homem. Que as mulheres se encantam com toda sua. As vezes as pessoas ficam com outras por beleza. Elas veem só beleza inferior, mais não veem a interior.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

Texto 4

Poluição das águas

A água é a fonte de vida essencial para o ser humano, no entanto nos deixamos de manter-la limpa, quando jogamos de forma errada os lixos nas ruas, nos rios etc. nos boa parte das águas no mundo encontram-se poluídas, onde é possível encontrar desde sacos plásticos até eletrodomésticos, logo, na água ficam todos os poluentes possíveis (químico, físico e biológico).

A poluição das águas traz muitos problemas para todos gastos ao governo que é obrigado a tratar das águas poluídas e dos agricultores que dependem da água para manter sua produção.

Assim devemos ter consciência de que a água não é um recurso infinito, muitas pesquisas a água não é um recurso infinito, muitas pesquisas mostram que em alguns lugares no mundo já está faltando água, embora o Brasil seja onde há mais água potável no mundo, não significa que ela não vai acabar, um dia. E para que ela continue potável é necessário termos consciência e mudanças nos nossos hábitos.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

Texto 5

Gravidez indesejada

A gravidez indesejada é uma prática que está ocorrendo com muita frequência na atualidade, principalmente com adolescentes e jovens. Algumas vezes isso ocorre devido a falta de cuidado ou muitas vezes de conselho, pois muitas vezes a convivência em família ou o modo como se comunicam define a mentalidade das mesmas.

Existe também a hipótese de que uma certa jovem ou adolescente com mentalidade ligadas aos assuntos de prevenção, com planos para o futuro, sonhos é muito mais se envolver com uma pessoa totalmente irresponsável. Ocorrendo assim a tal "gravidez indesejada" vida que aquela garota sonhou seus planos suas metas foram por um momento de descuido acabados.

Portanto não deve vir só das mulheres na hora da relação. Os cuidados, por que além da gravidez indesejada ocorre DST.

Fontes: Dados da pesquisa, 2017

3.2. DAS ANÁLISES DAS PRODUÇÕES

As atividades de produção de textos, na maioria das vezes, na escola, são exercícios vazios que não estimulam a autoria dos alunos. Essas atividades, como afirma Geraldi, "são vistas pelos alunos apenas como tarefas a serem cumpridas", com isso os textos resultantes delas não contemplam os dizeres dos educandos. Outro item que o referido autor aborda é que, geralmente, os textos produzidos não possuem receptores, são escritos com uma única finalidade: serem corrigidos pelos professores.

Pensando em exercícios que fugissem dessas tradicionais "receitas" de atividades de produção de textos em sala de aula, as quais na verdade não abordam aspectos relevantes no que concerne, as condições de produção dos educandos e procurando tornar as atividades de leitura e produção de texto mais livres, para que os alunos não caiam nas mesmas armadilhas de escreverem um texto sem autoria, sem funcionalidade sem receptor, estabeleci norteando-me pelos postulados de Antunes Geraldi, Britto e Moura critérios para criação e avaliação desses textos. Vejamos eles:

- Uma escrita de autoria também dos alunos;
- Uma escrita de textos socialmente relevantes;
- Uma escrita de textos que tem leitores;
- Uma escrita contextualmente adequada;
- Que vozes sociais ecoam no seu discurso.

Nas análises das produções textuais dos alunos verifiquei como os eles se posicionam sobre essas histórias, como por meio desses textos trazem outras vozes sociais e como se veem nesse processo. Procurei observar se eles se reconhecem ou não como parte de uma cultura. De que forma a atividade de narrar essas histórias leva à ampliação da capacidade discursiva dos alunos, na medida que ouvindo, lendo, comentando e escrevendo sobre tais histórias podem dizer mais sobre a sua identidade cultural e sobre outras culturas que não são a sua.

3.2.1. Uma escrita de autoria

Uma das questões pertinentes a escola no que tange a produção de texto é tornar os alunos autores do seu próprio discurso, isto é, uma escrita de autoria, subjetiva e reflexiva. No que se diz respeito as atividades de produção de texto que abrangiam características narrativas esse aspecto ficou mais latente. Como percebe-se nos fragmentos originais retirados dos textos do gênero relato, abaixo:

Texto 1 (1ª produção) “Um dos fatos mas triste, de minha vida, foi quando soube que meu bizavôesta com cancêr.

Quando eu soubi (chorei muito) pôs o meu 2º pai esta passando por um momento difícel e triste em sua. Todos nós sabemos que o cancêr mata né?

Acredeço muito a Deus por estar cuidando da saúde dele (que é um senhor tão bom e generoso) que qualquer pessoa gosta.”

Texto 2 (1ª produção) “Minha família e humilde e tenho como sonho ser uma policial, mas para agente chegar até aonde queremos passamos por decepções e frustraões que fazem parte do nosso dia a dia mais que ajudam nós a amadurecer e ser melhor”

Texto 3 (1ª produção) “Eu sempre gostei de ver as pessoas tocando violão, conheço uma colega que toca violão e foi ela que me encorajou a tocar nos primeiros dias que comeci a tocar fiquei um pouco chateada, porque não consegui fazer as notas musicais, mas depois de um tempo fui conseguindo aos poucos e sempre praticando.”

Texto 4 (1ª produção) “E nesse meio tempo, a gente tempo, a gente pegou a minha bicicleta, e fomos embora, e na travessa que tem uma decida para ir para o cartorio horizonte, essa minha ela começou a freiar, o que era prudente, só que ela acabou apertando o freio da frente a bicicleta estava muito rápida ai a bicicleta acabou jogando a gente pra frente, porque ela acabou empinando, eu só lembro de que eu fui jogada pra cima dela, e além desse super mico ,pra piorar estava na hora da saída dos alunos da escola da paróquia, pra nós duas pagamos um mico pior ainda, nós ficamos muito doloridas depois dessa e os alunos da paróquia só rindo de nós duas, nessa hora só fizemos rir dessa desgraça, mas eu confesso que eu tava. Morrendo de vergonha eu só queria me matar naquela hora eu fiquei muito brava com ela, porém, eu gostei de registrar esse momento com ela”.

Mesmo a partir da metodologia apresentada, em sala de aula, a qual buscou oferecer a motivação adequada para que os alunos tornassem donos dos seus dizeres e produzissem textos dentro de um contexto social situado, alguns educandos encararam essa atividade apenas como uma tarefa a ser cumprida dentro de um determinado prazo. Em algumas produções, notei a total ausência da autoria, acerca das informações contidas nos textos, visto que, muitas informações foram retiradas ao pé da letra de outros suportes (internet). Vejamos nos fragmentos a seguir:

Texto 5 (1ª produção) “Depois muitas pessoas chegaram e ligaram para a ambulância os médicos nós examinaram passaram remédios para o meu pai comprar e pronto saímos do hospital e fomos para casa depois ficamos em repouso e os ferimentos e ficamos bem. pronto esse foi o meu relato fim.”

Texto 1 (produção final) “No contexto atual, vimos uma maior tomada de consciência da sociedade sobre os níveis de poluição e, portanto, estamos observando algumas” ações de mudanças de atitude. Porém ainda é necessário muito trabalho para ser feito por todos nós, de modo que tenhamos de fato um ambiente limpo e saudável

Texto 3 (produção final) O racismo simboliza qualquer pensamento ou atitude que segregue as raças humanas considerando-as hierarquicamente como superiores e inferiores.

A característica mais marcante do racismo é seu caráter não oficial.

3.2.2 Uma escrita de textos socialmente relevantes com funcionalidade

Segundo o professor João Wanderley Geraldi (2012 p.128) “a escola descaracteriza o aluno como sujeito, impossibilitando – lhe o uso da linguagem”. Nós, professores de língua portuguesa temos que entender essas atividades de produção de textos escritos, também como um processo de interação, logo professor e aluno devem ocupar suas verdadeiras posições de locutor e interlocutor. Conforme ressalta Britto:

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. (Britto 2012, p.120. in o texto na sala de aula).

Uma das preocupações desta proposta foi que ela contemplasse aspectos oriundos da nossa cultura, ou seja, textos que circulassem dentro das práticas sociais e de uso dos educandos e que os alunos escrevem e lesem sobre assuntos próximos a eles e que fossem relevantes para sua formação de cidadão pleno. Vejamos alguns fragmentos que contemplaram essa perspectiva:

Texto 4 (produção) “Assim devemos ter consciência de que a água não é um recurso infinito, muitas pesquisas a água não é um recurso infinito, muitas pesquisas mostram que em alguns lugares no mundo já está faltando água, embora o Brasil seja onde há mais água potável no mundo, não significa que ela não era acabar, um dia. E para

que ela continue potável é necessário termos consciência e mudanças nos nossos hábitos.”

Gravidez indesejada

Texto 5 (produção final) “A gravidez indesejada é uma prática que está ocorrendo com muita frequência na atualidade, principalmente com adolescentes e jovens. Algumas vezes isso ocorre devido a falta de cuidado ou muitas vezes de conselho, pois muitas vezes a convivência em família ou o modo como se comunicam define a mentalidade das mesmas”.

3.3. As vozes sociais e a subjetividade

Através da leitura, conto e Retextualização das narrativas amazônicas, em sala de aula, foi percebido como elas estão cheias de aspectos ideológicos dos seus interlocutores com seus valores sociais, tendo em vista que, de certa forma, elas se constituem como nosso documento de identidade. Nesse sentido, fica evidente que a importância das narrativas amazônicas como conteúdo pedagógico, reside no fato de servirem como meio de valorização da memória social e história do nosso povo. Vejamos:

Texto 3 (produção final) “O preconceito ocorre em países em todos os lugares do mundo é com qualquer pessoa na sociedade, que enpóis um padrão de beleza, mas nem todas as pessoas ligam para esse padrão, É com isso acaba gerando o preconceito com qualquer pessoa por exemplo: pessoas grandes, magras, é pessoas morenas e principalmente com os idosos. Que sofrem com o preconceito.

Como ocorreu na história que as pessoas acabarem que ele era muito velho, é não tinha nada a ajudar decidiram jogar ele no rio para que a cobra grande fosse embora. Mas por cultura do destino ele acabou sobrevivendo por conseguir matar a cobra grande com sua faca caindo ela por dentro.”

Portanto não devemos julgar uma pessoa pela aparência sem saber o que ela tem a afirmar

Fragmento de um reconto

1. Um...um morador daqui mesmo...ele::...fez um pacto com o inimigo:: - - ele si gerava
2. em um cachorro muito graANDi...e:: quando era dinoiti...a partir da meia noiti.. éh::
3. ele vadiava pelas ruas da cidade...e:: quando as pessoas...os senhores né...(que
4. tanto ia) para o trabalho...fazer viagens...as vezes tarde da noiti...elas si deparavam
- 5.com um cachorro...né...os cachorros menores rodeavam ele...

Ao ouvir, o reconto dessas narrativas, percebi, que alguns alunos não se sentem pertencidos ao local que eles nasceram, haja vista que, diante dessa grande cultura midiática centro-sulista que são, de certa forma, forçados a aceitar, eles não se reconhecem, pois, os elementos simbólicos de nossa região não aparecem nessas mídias, ou quando aparecem são caracterizadas de maneira destorcidas como subcultura ou estigmatizados como exóticos.

Texto 3 (Retextualização) “Essa história do cachorrão é um fato real que é contado pelas pessoas é repassada pelos idosos, dizem que antes havia um cachorrão que saia amedrontando os cachorros menores, esse cachorro ele entrava na casa das pessoas a procura de água. Com a diferença na cidade que as pessoas passaram a perceber, as pessoas toda vez que escultavam o latido dos cachorras saiam correndo para suas cases e se troncavam comedo. assim com todo que estava acontecendo as pessoas não andavam mais tarde da noite.”

Fragmento de um contação de historia

1. - cobra grandi... que tava morta... aí abriram a barriga
2. - da cobra grandi (tossi) o velhu estava lá dentro...da barriga da cobra sentada
3. - cobra grandi... que tava morta... aí abriram a barriga

Transcrição das narrativas coletadas

A Lenda da Cobra Grande

1. Bom...certa vez... (uma mulher) ...ela ficou grávida...e:: ao nascer seu
2. filho...perceberam que não era uma criança comum...e:: viram que a noite essa
3. né::...que...ela ia para água...isso passou (muito tempo) alguns meses... ai
- 4.depois esse filho foi pra água e não retornou Mais...ai voltava pra aparecer pra
5. mãe né... em forma de um navio..né..éh::...quando perceberam que não era
6. uma criança comum...ele se tornou uma cobra...ele foi crescendo e se tornou
7. uma cobra grande...e::...essa cobra grande ela transitava aqui pelo Rio
8. Amazonas...amedrontando...as pessoas que navegavam altas horas de
9. noite...e segundo relatos de alguns pescadores- - né...éh::quando eles
10. atravessavam o rio Amazonas...eles viam...eh::...ao focar as lanternas...éh::os
11. olhos bem reluzentes...como se fosse...de...de...outra lanterna...e depois essa
12. cobra...ela...seguia esses pescadores...e muitos deles foram amedrontados
13. por essa cobra...e a partir de então...né...os pescadores tinham medo de fazer
14. a travessia altas horas da noite...porque essa cobra...que era a cobra que eles chamavam...corriam atrás deles- - essa é a história da cobra grande.

O cachorrão

1. Um...um morador daqui mesmo...ele::...fez um pacto com o inimigo::: - - ele si gerava
2. em um cachorro muito graANDi...e:: quando era dinoiti...a partir da meia noiti.. éh::
3. ele vadiava pelas ruas da cidade...e:: quando as pessoas...os senhores né...(que
4. tanto ia) para o trabalho...fazer viagens...as vezes tarde da noiti...elas si deparavam
- 5.com um cachorro...né...os cachorros menores rodeavam ele...né...e:: ele
- 6.amedrontava todos os cachorros menores...e as pessoas tinham medo de saira
- 7.noiti...porque...segundo a lenda né...alguns moradores ()...dessa...daqui de Juruti
- 8.chegaram a encontrar com esse cachorro né...com esse cachorro...ele...esse
- 9.cachorro muito grande...e::eles tinham medo né...ficou um clima muito ruim na
- 10.cidade que...nem um homem mais sai tarde da noiti pra ir pro seu trabalho...ou pra
- 11.fazer algum tipo de viagem...porque naquela época a luz daqui de Jururi apagava

12.as onze horas da noiti...e:: a partir da meia noitiagente ouvia o latido do cachorro
 13.pela cidade...e::então as pessoas ficavam muito amedrontadas pra sair tarde da
 14.noite.

Matinta Perera

1. A lenda da MatintaPerera...diz a lenda que a noiti um assobiu agudo pertuba o
 2.sono das pessoas...e assusta as crianças - - onde o dono da casa deve prometer
 3. tabaco ou fumo...a MatintaPerera é uma ave misteriosa...dizem que é o Saci-
 4.pererê em uma das suas formas...tambem assumi a forma de uma velha vestida de
 5. preto...preferi sair nas noites escuras...para si descobri quem é a MatintaPerera...a
 6. pessoa ao ouvir seu grito ou assobiudeve() convida-la ...para vir na sua casa pela
 7.manhã para tomar café... a primeira pessoa que chegar pedindo café ou fumo é a
 8.Matinta Perera

A cobra grande (causo)

4.Essa história qui vô cintáeh:: baseada em fatos reais... qui aconteceu aqui nu
 5. amazonas... um barcu vinha viajano de Belém a Manaus.... i:: ... apareceu a
 6. cobra grandi querendo comê um dus tripulante...aí... os tripulante... pegaru um
 7. sacudi farinha i jogaru na boca da cobra grandi... aí ela desapareceu um
 8. poquinho... mais na frenti ela apareceu dinovu... i:: jogaru um bancu... ela tornô
 9. apegádinovu...desapareceu... mais na frentidinovu... ela torno a aparecê...
 10. elesjagarum um cachudi banana...aí ela torno a engolí... mais na frenti
 11. deispois ela apareceu dinovu i num tinha mais o quê jogá... tinha um velhinhu
 12. bemvelhumermu..(isso)agarraru o velhu i::jogaru na boca da cobra grandi...
 13. aí a cobra grandi ... aí a cobra grandi desapareceu... aí a viagi deles continuô...
 14. aí ... o velhinho que foi jogadu na boca da cobra grandi - - tinha uma faca no
 15. bolso...aí...ele pegô aquela faca... aí... ele começou a riscar a barriga da cobra
 16. grandi... até qui ela foi...morrendo aos poco...saiu im terra numa praia e
 17. morreu...i aí...o:: barcu quando vinha baixando dilongi os tripulante enxergaru
 18. a cobra grandi... lá naquela praia... aí:: eles chegaru mais perto...pararu o
 19. barcu...e foram vê o quê tinha acontecido com o velhu...chegandu lá...eles
 20. cortaru a barriga da... - - cobra grandi... quetava morta... aí abriram a barriga

21. da cobra grandi (tossi) o velhu estava lá dentro...da barriga da cobra sentada
22. nobancu..comendu banana cum farinha... i assim terminô a historia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, percebi que o problema do ensino-aprendizagem de língua materna, nas salas de aula de nossa região está basicamente ligado a dois aspectos relevantes: O primeiro, é maneira como o professor ministra suas aulas, haja vista que, a forma como ele entende a língua influencia muito em sua prática pedagógica, outro fator é o aspecto motivacional dos alunos em estarem dispostos a realmente aprender e conscientizarem de que a escola é um dos meios de transformação social mais próximos que eles possuem.

O uso da cultura amazônica como conteúdo de ensino nas aulas de língua portuguesa como proposta metodológica para o oitavo ano do ensino fundamental, no decorrer de sua implementação apresentou diversas vantagens que almejavam tornar o ensino de língua materna mais consistente, eficiente e reflexivo, no que concerne seu principal objetivo: desenvolver a capacidade discursiva e comunicativa dos nossos alunos. Entendo que esse fim somente será possível contextualizando o ensino e o dissociando das práticas de memorização de regras que quase sempre não utilizamos, haja vista que, estão fora do contexto real a ser utilizado pelos nossos educandos.

Inicialmente, acreditei que a implementação de um método no qual os alunos se reconhecessem como sujeitos da cultura local apresentaria um resultado fácil e imediato. Entretanto foram encontradas diversas dificuldades de ordem cultural e didáticas, uma vez que os alunos, mesmo estando na penúltima etapa do ensino fundamental, não tinham experimentado atividades que estimulassem a leitura e a produção de textos que tivessem como ponto de partida temáticas regionais.

Outra constatação da pesquisa é o fato do estudante nortista, em virtude dos avanços tecnológicos e a criação de estereótipos que estigmatizam a cultura amazônica como inferior implicou diretamente na falta de pertencimento, ou seja, o próprio povo não se identifica ou nega os aspectos culturais locais. Desta forma, a pesquisa teve que ser redirecionada no sentido de criar um ambiente que despertasse não só o interesse desses alunos nas atividades de leitura e produção de texto, mas que também promovesse a valorização dos aspectos da cultura popular na qual eles estão inseridos.

Introduzir a cultura amazônica como conteúdo para o ensino de língua portuguesa constituiu-se uma tarefa difícil e complicada, pois propôs-se a ruptura de

um método tradicional imposto pelos livros didáticos adotados como único material pedagógico em algumas instituições de ensino e implementado por muito tempo por nós mesmos, professores de língua portuguesa. Outro problema é a falta de infraestrutura das escolas públicas paraenses, principalmente as que são de responsabilidade do Estado e da falta de preparo e tempo do professor de língua portuguesa para planejar e colocar em prática suas atividades. Somam-se a esses fatores a inexistência da interdisciplinaridade entre os conteúdos e disciplinas que compõe a base curricular.

Diante desse contexto, as primeiras produções dos alunos apresentaram problemas relacionados com a fluidez do texto, da organização das ideias. Problemas relacionadas a dificuldade de associação das informações e da falta de prática na produção de textos, haja vista que, essa atividade, em muitos momentos se restringia a uma mera tarefa obrigatória, isto é, condicionada a muito mais um fim para avaliação quantitativa do que um meio para se desenvolver a competência comunicativa dos alunos que apresentam dificuldades em contextualizar informações e conteúdo.

Sendo assim, esta atividade de pesquisa fez-se necessária, objetivando a organização das informações necessárias para leitura e produção textual. Porém, encontrei dificuldades com a falta de registros locais o que de certa forma, tornou a atividade, ainda mais interessante e produtiva, uma vez que, além da coleta de registros informativos os alunos também tiveram contato direto com histórias da cultura local e de outras culturas, considerando que nesta etapa os alunos já obtiveram informações pertinentes para elaboração de seu segundo texto.

É salutar ressaltar que a atividade de leitura e produção textual é considerada pelos alunos não somente como um mero instrumento avaliativo como também um castigo, pois exige destes uma disponibilidade maior de tempo e reflexão não só no que tange ao tema proposto, mas também de atenção e organização das ideias. Além disso, essa atividade demanda muito tempo do professor que deve dispor de mais tempo para análise dos textos, assim como também, para as abordagens dos conteúdos propostos no currículo da disciplina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de, **Ensinar Português**. In: GERALDI, W. J. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012, p.10 - 16

ANTUNES, Irandé, (org) **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____, **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail (1997). **Estética da Criação Verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____, **os gêneros do discurso**. In: **estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bagno, Marcos, **nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística** – São Paulo: Parábola, 2007

Bortoni-Ricardo, Stella Maris, **Falar, Ler e escrever em sala de aula: do período pós-alfabetização ao 5º ano/** Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria Alice Fernandes de Souza. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº. 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Editora do Brasil, 1996.

Britto, Luiz Percival Leme. **Ao Revés do Averso – Leitura e formação**. 1ª edição – São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

_____. Em terra de surdo (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, W. J. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012, p.117 – 126.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11 edição – São Paulo: Cortez, 2010. – (biblioteca da educação. serie 1. Escola; v16)

DOLZ, J; NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. (2004). **Sequências Didáticas para o oral e escrita**; apresentação de um procedimento. In: Dolz, J. e SCHNEUWLY, B. gêneros orais e escritos na escola. Campinas, mercado de letras.

GERALDI, João Wanderley. **Escrita, uso da escrita e avaliação**. In: GERALDI, W. J. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012, p.127-131.

Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica / coordenadora Helena Nagamine Brandão. – 5ª Edição. – São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, Ângela, **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas-SP: Pontes, 1999.

_____. **A concepção escolar da leitura**. In: Oficina de leitura. Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 8ª. ed. Campinas SP: Pontes, 2002

KOCH, Ingedore Grunfiel Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L. A (2001). **Da fala para escrita. Atividades de Retextualização**. São Paulo. Cortez editora.

_____(2003). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola editorial.

MOURA, Heliud Luis Maia. **Gêneros textuais: conceituação e ensino**. Mimeo (2009)

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

POSSENTI, sírio. **Sobre o ensino de português na escola**. In: GERALDI, W. J. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012, p.32 – 38.

ROJO, ROXANE. **Letramentos múltiplos escola e inclusão social** – São Paulo: Parábola editorial, 2009

SOUZA, Anervina. **As lendas amazônicas em sala de aula** – apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do sobrenatural. 2ª edição. –

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação** / Brian V. Street; tradução Marcos Bagno. – 1 3d. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ANEXOS

Um dos fatos mais triste, de minha vida, foi quando (ela) soube que meu pai estava com câncer.

Quando eu soube (chorei muito) pois o meu pai está passando por um momento muito difícil e triste em sua vida. Todos nós sabemos que o câncer mata né?

Agradeço muito a Deus por estar cuidando dele (que é um senhor tão bom e generoso) que qualquer pessoa gosta.

O câncer dele é na próstata. Mas Deus está cuidando da saúde dele eu creio. Amém.

Todas as vezes que ele vai fazer exame, ficamos aflitos. A minha sogra que é mulher dele, fica muito triste a situação.

A uns meses atrás fizemos uma rifa beneficente para pagarmos o transporte dele e outras coisas, porque em Manaus é muito caro as coisas. Ele foi de Aracaju para Manaus para fazer seus exames. Ele teve um pequeno problema no olho e infelizmente acabou ficando cego, isso foi um choque a família.

Ele sempre foi um ótimo homem, muito trabalhador. Ele gostava e fazia outras coisas também, sempre honrou e até hoje honra sua família.

Estamos muito gratos aos médicos pois estão

Sou Melissa tenho 14 anos nasci em Juazeiro do Norte, vivi 5 anos em Manaus, sou cantora e dançarina na igreja da paz, faço na banda Marcial Velos de água, gosto muito de animais e estudo na E.E.P.M. Emanuel Galgo de Viera para um dia chegar na minha meta que é ser médica perita federal, gosto muito de estar reunida com a família pois minha irmã teve apenas 9 anos e eu não tive muito essa oportunidade, tenho uma irmã de 19 anos e um irmão de 24 anos, que ele é radiologista e fisioterapeuta. Amo tudo que envolve medicina e pericia.

Me considero como uma guerreira pois já tive água no pulmão e asma.

Graças a Deus conquistei tudo que eu sonhei na área de ser minha família reunida. Minha disciplina preferida é matemática e experiências, pois que um dia vou chegar na minha meta, com a ajuda de Deus, fé, amor, e paciência.

Agora eu vou tocar na banda água de cujo pra dia 7 de Setembro, banda Marcial e a minha paixão.

Português

minhas férias

As minhas férias do mês de julho desse ano de 2017 foram demais (fodas-tivas!). Aconteceram várias coisas legais, eu fui para vários banhos, praia, ponte e etc...

Eu iria viajar para Mombaça e Bulem, só que acabou não dando certo porque me convidaram para dançar na Tribo Muirapinima, eles estavam precisando de dançantes então eu aceitei, meu irmão e minha prima também dançaram, os ensaios estavam muito alegres, só foi muito pesado pra gente, nós ensaiávamos três vezes ao dia, de manhã, de tarde e de noite. A gente ensaiava muito, mas era bastante legal, no meio dos ensaios a gente ganhava o Cd da tribo e também a camisa oficial, no último ensaio também foi muito legal, valeu muito a pena, o festival foi muito bacana, conheci muitas pessoas novas e Muirapinima ganhou (viva!), foi foda!

Redação

► Minha vida.

Sou Izabela Nascimento e nasci no dia 24/09/2003 em Juruti localizada no estado do Pará e desde cedo busco conquistar e realizar meus sonhos, e sempre e sempre faço a minha parte para atingir o que eu quero porém nem sempre é fácil conquistar um sonho, mas quando lembro que fiz o melhor de mim sinto muito feliz afinal fiz tudo o que estava ao meu alcance.

Minha família é humilde e tenho como sonho ser uma Policial, mas para agente chegar até onde queremos passamos por decepções e frustrações que fazem parte do nosso dia a dia mais que ajudam nós a amadurecer e ser melhor.

Além da dedicação das tarefas e obrigações sempre encontro um pouco de tempo para cuidar da minha saúde, fazendo qualquer tipo de esporte, deixando um pouco as obrigações de lado.

E nas minhas férias da escola eu fui pra manaus ver os meus tios e conhecer os meus primos e eu passei apenas 10 dias dela eu fui pra sítio dos meus avós eu foi ver as minhas primas que tinham nascido e conheci pessoas diferentes.

É enfim essa é a História da minha vida.!!!

Eu Lhais nasci 25 de julho de 2003
fui uma criança muito elente e caladinha e
quase morri, mais Deus me levantou quando
completei 4 anos minha mãe me ensinou para
estudar, pintei muito, desenhei e meredei
bastante, até hoje continuo estudando para
vencer na vida, não tenho a vida muito
facil, passo muito por apertos vou até hoje
resolvendo problemas de saúde e problemas
familiares que é a coisa pior da vida, mes-
mo assim vou continua até o tempo que
Deus permitir um case feço os meus deveres
da Escola da minha casa, vou a Igreja
dia de domingo e participo da célula dia
de quarta-feira.

Com meu comportada não sou muito
fofo mais em casa não porque Eu não
quero sair e porque a minha mãe duca
e como toda moça tem que ser preuro sempre
respeitar os pais e gosto muito de ser
também respeitada, não vou contar por detalhes
porque se minha professora vai chorar, então é
o fim da minha história.

31.08.17
D S T Q S S

Português

Um certo dia eu fiquei muito feliz, pois eu havia viajado para o Rio de Janeiro, conhecido Lúcio e tinha ido à praia, fiquei lá no Rio durante um mês, volti para casa em Manaus e depois vim conhecer Curitiba-PA onde comecei a estudar no Emanuel. Desde dia 04.10.2014 até hoje está sendo os melhores anos da minha vida, até por que aqui em Curitiba-PA tem muitos banhos e como eu adoro a água não tenho palavras pra dizer o que é Curitiba.

Agora esses dias estão sendo muitos melhores eu estou fazendo curso de música e aula de violão e já aprendi a tocar um pouco.

É ainda por cima a mamãe desse ano vou fazer uma festa de 15 anos e eu vou poder convidar quem eu quiser.

Apinal uma vida como a minha acho que só eu tenho?

Nome - Ingridy Miranda

Serie - 8º ano

Turma - Manha



D E T O Q S S

31 08 17

Relato

Tive um dia que eu cheguei em casa e minha mãe falou que iam viajar, daí começamos a nos arrumar, fomos lá pro porto, quando chegamos na cidade de Manaus deixamos nossas coisas e fomos para o shopping, compramos várias coisas, conheci várias pessoas, depois que saímos de lá tinhamos que ir buscar a minha prima na casa dos pais, quando a gente tá indo um ~~co~~ homem começou a seguir a gente, nisso eu comecei entrar em desespero, porque a gente tá andando super rápido e quando ele percebeu ele correu na nossa frente e começou a falar umas coisas ~~coisas~~ terríveis, depois de alguns minutos ele saiu de perto da gente e foi lá com outras pessoas, nisso eu e meus primos entramos no meio de umas pessoas que estavam saindo de uma igreja e os bufos passaram.

Aluna: family do nascimento Bentes

8º ano manhã



nome: Rute Ferreira Lima Série: 8 =



Relate sua vida

20 linhas

: Minha vida é bem longa e demorada Tenho
 15 anos e mi chamo Rute ferreira feimo gosto
 da minha vida pois só tenho mãe e meu pai
 se faleceu quando eu era bebê sou de
 Manaus vou fazer um relato da minhas
 férias bem assim que piquei de férias fui
 pra Manaus piquei lá três ou quatro
 dias fui para Ponta Negra andar de patins
 e tomei ocaí, no outro dia fui pra mirage
 parque andei na Barca pirata, trem fantasma
 motonho russo, tapeti mágico depois do parque
 fomos para um restaurante depois esperamos
 amanhecer para pegar o vôo de meio
 dia e se fomos para a colônia lá onde
 meu irmão mora conheci uma menina
 chamada ~~cait~~ Keit e fomos também ta
 mar, coque da manhã. no café salaria
 foi muito legal o SHOPi dela e muito
 bonito e bem assim pra minhas férias
 para cá então aqui estou, quero me m
 formar em pediatria quero cuidar de crianças
 minha vida é bem simples no dia dia
 eu vou pra escola volto pra casa
 casa vou pra escola volta pra casa
 das minhas colegas as vezes pra igreja
 e assim vai



EDERSIL

Escola: Emanuel Salgado Vieira
 Professor: José Odilley A. das Santos
 Diretor: Luis Adriano
 Aluno: Roderick Santos de Sousa N.: 29
 Disciplina: Língua Portuguesa

Trabalho relato

Eu nasci em Santarém no ano de 2004, moro em Belém durante 3 a 4 anos, tenho duas irmãs, uma se chama Taiane de 10 anos, e a outra se chama Romilda de 15 anos.

Meu pai veio para aqui, em busca de trabalho e conseguiu no Império Camu, não moramos no Império de Pentecosta e atualmente moro na Av. Nova Jerusalém. Porém o papai trabalhou no Camu durante 5 anos e atualmente é Guarda Municipal.

Durante todo esse período, não foi fácil, teve muitos problemas, mas eu gosto muito de viver aqui em Santarém na casa de minha avó, porque pelas razões principalmente de Belém que tudo o que eu quero, antes de eu no novo era interessante aqui, de emprego tá mais difícil.

Porém tá muito difícil aqui.

Aluno: Agos da serra yu m...
 Série: 8º ano Turma Turno: manhã.



30 > 08 > 17

A história da minha infância
 no tempo muito o que falar da minha infância
 mais uma coisa eu sei, foi muito feliz, como ta
 da criança brincava, eu brinquei muito num
 compincho lá no canto de casa, nesse tempo
 um pessoal que tomava conta de lá mandaram
 sair o compincho lá pra jogar vôlei e nós
 fomos lá pra lá brincar antes deles começaram
 a jogar nós aproveitamos para brincar na
 quadra da Bomdinha no futebol né que eu
 era muito ruim e saía logo que começavam
 a me ralar por isso que não me atrevo de jogar
 mas que não comecem a ficar bravo e aí eu
 fui porado. enfim, minha infância foi muito legal
 nós brincamos muito lá na esquina da casa
 e não tinha tambo e era de todo tambo
 até que num certo dia que nós tavamos brinca
 ndo lá na rua e passou um cara de moto
 e tinha um pessoal por lá belendo e machu
 ram com o carro que ia passando o carro parou
 lá no canto tirou a pistola e atirou e
 nessa hora o menino ia atravessando a rua
 para o outro lado o nome dele era matheus
 e pegou a bala nele no que pensamos que
 era mentira aí ele saiu gritando né que ninguém
 tinha avisado, nós acudiram aonde ele
 voltou a correr e levaram logo ele para o
 hospital lá fizeram todo o procedimento
 ali o momento foi um pouco tudo certo, sei

MAXIMA
 CADERNO

nome: Eduardo nascimento. Turma: 8º ano Turno man
 na minha infância eu briguei muito de bola
 de papagaio da mãe secundária e uns e os
 meus amigos e meu irmão nós fomos muito
 pra fora tomamos muito banho lá minha
 melhor parte da minha infância foi quando
 tá toda a minha família junta e bacana
 porque eles contam muitas histórias de viagem
 e histórias deles também e minha pior par-
 te da minha infância foi quando matou
 o meu primo matou o morto de homem tá com
 bebendo lá na frente da casa da tática que
 é lá no lado da casa e aí nós tá brincando
 e aí nós fomos de brincar e
 ele quis água lá embaixo e quando ele
 passou lá onde os homens estavam bebendo
 e passou uma homenagem de morte atirando
 mais não era pra pegar no meu primo era
 pra pegar de um dos homens que tá com bebendo
 e aí quando pegou nele ele da mão
 tinha morido ele amou um pouquinho
 e ele pediu água do homem fado lá onde
 os homens tá com bebendo e ele não deu
 e aí quando ele andou mais um pouquinho ele
 caiu no chão morto e até hoje não ninguém sabe
 quem é o assassino que matou ele e fim

Aluno: Gabriel de Jesus Araújo Série 8º ano

Minha primeira viagem

Para começar, eu achava muito legal viajar, com início cheguei no barco e fiquei esperando, e o tédio chegando, aí então chega a hora e então o barco sai, e eu digo - Aleluia.

Ai como toda a primeira viagem ficamos chorando por causa de quem ficou, e a mãe chorando, e eu olhando pra ela, e me perguntando - Por que ela chora?

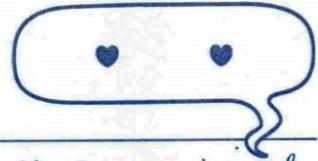
É depois 18:00 h, hora de jantar, comei muito boas, mas um hora depois já estava com fome de novo.

É passou o primeiro dia e então fomos para o segundo e passamos por (cidades, comunidades, fazendas) e foi bacana, e também muito legal.

É aí que enfim o terceiro dia e último e pronto já estava forte pra chegar, e aí que um fim chegamos.

NOT
TODAY

Texto:



Num lindo amanhecer, no hospital municipal em Curitiba - PR, as 5:30 até as 6:00 horas minha mãe estava lá onde iria ter uma linda menina, que no caso era eu. Daí começa a minha vidinha.

A minha vida é meio complicada até demais, fo viver momentos felizes e tristes assim como todos. Ultimamente a minha vida anda de cabeça para baixo, pois estão acontecendo muitas coisas ruins, porém sei que tudo isso de ruim vai passar. E os meus momentos felizes nunca esquecerei tipo; na minha infância brincava na chuva, jogava bola, pulava no igarapé e não me preocupava absolutamente com nada a minha vida naqueles tempos era super legal. Agora não muito eu tenho muitas preocupações mais faz o que né?

Eu brinco ainda, às vezes vou os banhos no interior, mas não é como antes.

Pra falar a verdade eu passo por coisas complicadas pra entender, porém nunca percebo que eu mais tenho de preciso que é o apoio da minha família em muitas coisas e claro o meu sorriso 😊.

Aluna: Yasmin Saja de Mello Pereira

Série: 8º ano manhã

Escola: Emanuel



RETEXTUALIZAÇÃO:

Denomina-se *retextualização* o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base. Em eventos linguísticos rotineiros, a atividade de *retextualização* é exercida para atender aos mais diversos propósitos comunicativos: uma secretária que anota informações orais do chefe para redigir uma carta, uma pessoa contando a outra o que leu em jornais e/ou revistas, alunos que fazem anotações em uma aula, dentre outros. Embora esse processo aconteça naturalmente, não é mecânico, pois envolve operações complexas que interferem tanto na linguagem e no gênero como no sentido, uma vez que se opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação interlocutiva, porque é um novo texto que será produzido: trata-se de atribuir novo propósito à interação, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do espaço e do tempo de produção e recepção.

1. Com base nas afirmações acima sobre o processo de Retextualização, escolha uma narrativa oral do nosso imaginário amazônico e retextualize-a, isto é, passe para modalidade escrita.

A educação se constitui como direito fundamental e essencial ao ser humano e diversos são os documentos que corroboram com tal afirmação. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, afirma que "é direito de todo ser humano o acesso à educação básica", assim como a Declaração Universal dos Direitos Humanos que estabelece que "toda pessoa tem direito à educação". Apesar de estarmos em pleno século XXI, nos deparando com inúmeras inovações tecnológicas, onde diversos ramos são modernizados, seja economicamente ou culturalmente, ainda convivemos com um grande problema que impede o pleno desenvolvimento do nosso país: a falta de investimento na área educacional, gerando a má qualidade da mesma.

2. Utilizando o texto acima, produza um texto dissertativo.

TÍTULO: *Lenda do Boto*

1	<i>Reza a lenda que um boto, que vive nos</i>
2	<i>rios do Amazonas se transforma em um moço</i>
3	<i>bonito, vestido de branco, e dentes de ouro. Ele</i>
4	<i>sai dos rios para festas à noite, em peque-</i>
5	<i>nas vilas, comunidades ribeirinhas, para</i>
6	<i>seducir as moças mais lindas da região.</i>

7 Durante as festas, ele passa a noite encantando
8 jogando seu xaxime, dançando porro com as mo-
9 ças, até um ponto, que ele leva a moça encan-
10 tado por ele para beira do rio, e por fim
11 acaba engravidando, logo depois some para
12 as águas do Amazonas onde se trans for-
13 ma em um boto, as moças engravidam do
14 boto e não se recordam da noite com o boto.
15

16 *Você não dividiu seu tute.*

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

E tudo que era efêmero se foi... e só ficou você que e eterno.

RETEXTUALIZAÇÃO:

Denomina-se *retextualização* o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base. Em eventos linguísticos rotineiros, a atividade de *retextualização* é exercida para atender aos mais diversos propósitos comunicativos: uma secretária que anota informações orais do chefe para redigir uma carta, uma pessoa contando a outra o que leu em jornais e/ou revistas, alunos que fazem anotações em uma aula, dentre outros. Embora esse processo aconteça naturalmente, não é mecânico, pois envolve operações complexas que interferem tanto na linguagem e no gênero como no sentido, uma vez que se opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação interlocutiva, porque é um novo texto que será produzido: trata-se de atribuir novo propósito à interação, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do espaço e do tempo de produção e recepção.

1. Com base nas afirmações acima sobre o processo de Retextualização, escolha uma narrativa oral do nosso imaginário amazônico e retextualize-a, isto é, passe para modalidade escrita.

A educação se constitui como direito fundamental e essencial ao ser humano e diversos são os documentos que corroboram com tal afirmação. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, afirma que "é direito de todo ser humano o acesso à educação básica", assim como a Declaração Universal dos Direitos Humanos que estabelece que "toda pessoa tem direito à educação". Apesar de estarmos em pleno século XXI, nos deparando com inúmeras inovações tecnológicas, onde diversos ramos são modernizados, seja economicamente ou culturalmente, ainda convivemos com um grande problema que impede o pleno desenvolvimento do nosso país: a falta de investimento na área educacional, gerando a má qualidade da mesma.

2. Utilizando o texto acima, produza um texto dissertativo.

TÍTULO:

O Calhorrão

1	É uma vila muito pequena no interior
2	do Pará, chamada Juntil. nela havia sempre com
3	estudando <u>pesca</u> , <u>caçaria</u> e <u>caçaria</u> .
4	Lá, todos, tinham a história de que este era homem
5	que se transformou em um grande Calhorrão <u>cupiz</u> ?
6	de causar medo e fazer família inteira se fugir

7 Toda vez só quando da casa, esse animal era
8 que toda se moviam em noite, um dia à noite, pois
9 do outro costume era e se dirigiu a um importante
10 ponto turístico da cidade e logo do fora.

11 Chegando ao lugar do fora, tinha uma casa
12 de uma família moradora do local, rapidamente
13 percebeu que lá tinha uma bela dama no qual
14 ele a desejou fazer mal, sabendo que o cachorrão era
15 conhecido por ser muito mal e por atacar mulheres
16 ~~na~~ honra da família decidiu que iria matar
17 o cachorrão.

18 Até aquele fato ninguém sabia que se transformo
19 muito no animal, até, que naquela noite ele bito
20 um tiro na perna ou seja na mão, rapidamente
21 morreu um local de que a pessoa que apareceu
22 com a morte do tiro na mão era o cachorrão.

23 Não apareceu ninguém com esse sumi, logo
24 aquele mistério para se saber de que se tratava
25 a pessoa que era o tão temido cachorrão
26 continua, até hoje na cidade de Jundi.

28

29

30

E tudo que era efêmero se foi... e só ficou você que é eterno.

‡
condição profusa.

RETEXTUALIZAÇÃO:

Denomina-se *retextualização* o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base. Em eventos linguísticos rotineiros, a atividade de *retextualização* é exercida para atender aos mais diversos propósitos comunicativos: uma secretária que anota informações orais do chefe para redigir uma carta, uma pessoa contando a outra o que leu em jornais e/ou revistas, alunos que fazem anotações em uma aula, dentre outros. Embora esse processo aconteça naturalmente, não é mecânico, pois envolve operações complexas que interferem tanto na linguagem e no gênero como no sentido, uma vez que se opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação interlocutiva, porque é um novo texto que será produzido: trata-se de atribuir novo propósito à interação, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do espaço e do tempo de produção e recepção.

1. Com base nas afirmações acima sobre o processo de Retextualização, escolha uma narrativa oral do nosso imaginário amazônico e retextualize-a, isto é, passe para modalidade escrita.

A educação se constitui como direito fundamental e essencial ao ser humano e diversos são os documentos que corroboram com tal afirmação. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, afirma que “é direito de todo ser humano o acesso à educação básica”, assim como a Declaração Universal dos Direitos Humanos que estabelece que “toda pessoa tem direito à educação”. Apesar de estarmos em pleno século XXI, nos deparando com inúmeras inovações tecnológicas, onde diversos ramos são modernizados, seja economicamente ou culturalmente, ainda convivemos com um grande problema que impede o pleno desenvolvimento do nosso país: a falta de investimento na área educacional, gerando a má qualidade da mesma.

2. Utilizando o texto acima, produza um texto dissertativo.

TÍTULO:

Lenda do cachorrão

1	Dizia-se em fatos históricos, que em uma cidade-
2	zinha no paraí conhecida como Juruti em certas
3	noites pelo vigor da madrugada vizinhos e pessoas que
4	passavam pelas ruas da pequena cidade, contavam fatos
5	históricos de uma lenda de um cachorrão que se abria-
6	gia no manto da escuridão era um animal muito relevan-

7 te e ferroz que metia medo em qualquer uma pessoa
8 que ouzasse a velo em um animal muito grande.

9 Falava-se que o animal poderia ser uma espécie
10 de encantado que se revestia da margem do igarapé do
11 Juruí esse animal com que as pessoas verese uma
12 espécie de drama tinham medo de que o animal
13 aparecesse e pudesse leválas para se abrigar no fundo
14 do rio peixes assustadas quando a noite chegava
15 já tinham medo e suas próprias barcas para se ac-
16 ther em seus comedos pensavam que o animal ia
17 surgir e leválas para as profundezas do lago
18 do Juruí.

19 Essa lenda, estabelecida por varios moradores
20 contavam que era uma história "verdadeira" diziam
21 que já tinham visto o animal e era tão grande
22 que metia medo em qualquer um, uma lenda
23 que ficou bastante conhecida no município
24 de Juruí-Paraí até hoje se perguntamos pessoas
25 ainda relatam essa história na cidade, relatam
26 os acontecimento de pessoas que viram o
27 animal nas ruas e em outros lugares da
28 cidade de Juruí-Paraí.

30

E tudo que era efêmero se foi... e só ficou você que e eterno.

1001
100000

RETEXTUALIZAÇÃO:

Denomina-se *retextualização* o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base. Em eventos linguísticos rotineiros, a atividade de *retextualização* é exercida para atender aos mais diversos propósitos comunicativos: uma secretária que anota informações orais do chefe para redigir uma carta, uma pessoa contando a outra o que leu em jornais e/ou revistas, alunos que fazem anotações em uma aula, dentre outros. Embora esse processo aconteça naturalmente, não é mecânico, pois envolve operações complexas que interferem tanto na linguagem e no gênero como no sentido, uma vez que se opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação interlocutiva, porque é um novo texto que será produzido: trata-se de atribuir novo propósito à interação, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do espaço e do tempo de produção e recepção.

7. 1. Com base nas afirmações acima sobre o processo de Retextualização, escolha uma narrativa oral do nosso imaginário amazônico e retextualize-a, isto é, passe para modalidade escrita.

A educação se constitui como direito fundamental e essencial ao ser humano e diversos são os documentos que corroboram com tal afirmação. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, afirma que "é direito de todo ser humano o acesso à educação básica", assim como a Declaração Universal dos Direitos Humanos que estabelece que "toda pessoa tem direito à educação". Apesar de estarmos em pleno século XXI, nos deparando com inúmeras inovações tecnológicas, onde diversos ramos são modernizados, seja economicamente ou culturalmente, ainda convivemos com um grande problema que impede o pleno desenvolvimento do nosso país: a falta de investimento na área educacional, gerando a má qualidade da mesma.

2. Utilizando o texto acima, produza um texto dissertativo.

TÍTULO:

1	Lenda do Guarani
2	Era um casal de índios que viviam felizes e
3	obcecados por Tupã. Mas certo dia, o casal
4	sentiu falta de um filho, e como eram um
5	casal que cumpria a suas obrigações, pediram
6	a Tupã que os abençoasse com um filho.

7 Tupã, então, atendeu ao seu pedido, deu-lhes
 8 um lindo filho, cujo ia crescendo, ia ficando
 9 do lado de fora, mais bonito e prestatiro na
 10 aldeia. Toda uma popularidade despertou
 11 a ira do índio Iasi. ^{etc} Que por sua vez
 12 cominou o índio para mimar sua flor-
 13 ta, chegando lá, Iasi se transformou em
 14 uma terrível cobra e matou o pobre
 15 índio. Quando a mãe do mesmo soube
 16 de sua morte, ficou enjaneada, e come-
 17 çou a chorar, Tupã viu em sua mente
 18 disse que na pra ela pegar o olho de
 19 seu filho, e enternar, que dali nasceria
 20 uma bela fruta, com características de
 21 um olho, cujo nome seria, Guaraniã,
 22

23 Obs: Você não dividiu seu texto em parágrafos;
 24 - Talvez se você utilizasse o discurso direto
 25 ficaria melhor.
 26

27

28

29

30

E tudo que era efêmero se foi... e só ficou você que é eterno.

Preconceito

O preconceito ocorre em vários países em todas as
 lugares do mundo e com qualquer pessoa na sociedade, que
 possui um pedaço de beleza, mas nem todos as pessoas ligam
 para esse pedaço. E com isso acaba grande o preconceito com
 qualquer pessoa por exemplo: pessoas gordas, magras e com pessoas
 magras e principalmente com as idosas. ~~mas~~ seu reflexo vem
 o preconceito.

Como ocorreu na história que as pessoas por alcorum que
 ele era muito velho, e não tinha mais nada a oferecer
 decidiram jogar ele no rio por que a cobra grande ficou
 embora.

Mas por vontade do destino ele acabou retornando
 por conseguir morder a cobra grande com sua boca
 levando ela por dentro.

Portanto não devemos jogar uma pessoa por sua aparência
 sem saber o que ela tem a oferecer.

nome: _____

Polluição das águas

A água é a fonte de vida essencial para o ser humano, no entanto nos preocupamos de mantê-la limpa, quando jogamos de forma errada os lixos nas ruas, nos rios etc. Nos dias há parte das águas no mundo encontram-se poluídas, onde é possível encontrar desde sacos plásticos até lixo doméstico, logo, na água ficam todos os poluentes possíveis (químico, físicos e biológico).

A poluição das águas traz muitos problemas para todos e exige ao governo que é obrigado a tratar das águas poluídas e dos agricultores que dependem da água para manter sua produção.

Antes de termos ter consciência de que a água não é um recurso infinito, muitas pesquisas mostram que em alguns lugares no mundo já está faltando água, embora o Brasil seja o país onde há mais água potável no mundo, não significa que ela não vai acabar, um dia. É para que ela continue potável é necessário termos consciência e mudanças nos nossos hábitos.

Gravidez Indesejada

A gravidez indesejada é uma prática que está ocorrendo com muita frequência na atualidade, principalmente com adolescentes e jovens. Algumas vezes isso ocorre devido a falta de cuidado ou muitas vezes de um conselho, pois muitas vezes a convivência em família ou o modo como se comunicam define a mentalidade das mesmas.

Basta também a hipotese de que uma luta jovem ou adolescente com mentalidade

ligadas aos assuntos de prevenção, com planos para o futuro, sonhos e muito mais se envolver com uma pessoa totalmente inesperável, ocorrendo assim a tal "gravidez indesejada" tudo que aquela garota sonhou, seus planos e seus mitos foram por um momento de descuido acalçados.

Portanto não deve rim ser das mulheres na hora da relação cuidados, porque além da gravidez indesejada pode ocorrer a DST.

Meio Ambiente

É muito importante que todos os indivíduos neste mundo entendam que o ambiente limpo é muito importante para a saúde de todos os seres humanos.

Dual tipo de poluição ocorre através do meio, e isto é muito ruim para o bem-estar humano interno. Hoje vários tipos de problemas graves de saúde, como o câncer, estão aumentando rapidamente em todo o mundo e os principais motivos por trás do aumento destes problemas está na maior quantidade de poluição no meio ambiente.

No contexto atual, vemos uma maior tomada de consciência das sociedades sobre os níveis de poluição e, portanto, estamos observando alguns tipos de mudança de atitude. Porém ainda é necessário muito trabalho para ser feito por todos nós, de modo que tenhamos de fato um ambiente limpo e saudável. O primeiro passo para essa mudança é conscientizar as pessoas sobre a importância do ambiente limpo, e como ele é importante para todos nós, se cada um tiver consciência em ajudar nosso grande meio ambiente. Deus criou para o ser humano viver, mas pelo visto ele se está destruindo esse grande objetivo que o senhor nos deu.

Tema = Amazonas de encanto e beleza da floresta.

Amazonas, terra cheia de maravilhas com sua esplêndida natureza, com sua imensa beleza que a todos encanta. É o lugar onde vive com o orgulho no peito, onde ando satisfeito, onde o Urupuru canta!

Amazonas com sua floresta exuberante, com sua fauna e flora, coisa igual não existe lá fora. Turista, de todos o mundo podem olhar, trazer máquinas fotográficas e filmadoras, registrar sua maravilhosa aventura, com o encanto e a ternura desse magnífico lugar!

o encontro das águas, Rio Negro e Solimões, pode dizer com certeza, é o espetáculo da natureza, coisa igual não se viu, as águas não se viu, misturam, As negras de um lado, As brancas de outro, coladas, é a maravilha do meu Brasil!

o teatro Amazonas, com a sua grande beleza, é a prova da nossa riqueza e é nosso cartão postal. Patrimônio do nosso Estado, lugar de arte, espetáculo, fantasia tudo para a nossa alegria, ponto turístico da capital!

Amazonas de encanto e beleza, terra abençoada por Deus, é um pedaço de céu, tem tudo o que eu preciso, lugar

igual não existe. por isso digo, com toda certeza, não canso de admirar a beleza do lugar onde vivo, desse lindo paraíso!

texto = o mar lindo

Muitas vezes caminhamos pela praia, curvamos no barulho do mar, e nem sequer observamos a grandza do oceano. Mas naquele dia eu parei. Resolvi sentar de frente para o mar, simplesmente observá-lo olhando nos olhos com um vento leve e salgado batendo no meu rosto. Olhar o mar com calma e quase uma oração, não é para qualquer um. A água batendo nas rochas, a onda trazendo suas espumas, nos leva a reflexões sobre nossas vidas, nossas destinos, pessoas que se foram, e profetas futuros.

Um mar tem seus encantos, suas ondas. Mas acredito que o mar e as ondas, não foram feitas para morrer, mas para pensar e refletir. Só que, precisa parar olhar de frente, ouvir a ondas, tomar o primeiro gole e escrever, o mar foi feito para sonhar e escrever, enxergar a grandza de Deus, e dizer: "é doce olhar para o mar... muito mais que morrer, principalmente na praia."

As belezas e os encantos dos

animais no mar, são juntos os pei-
xes nadando, as baleias pulando, os
jacarés olhando para a natureza, os
passaros cantando e voando sobre o mar.
do mar.

Fim — Fim